



Ana Carina Reis dos Santos **FUNCIONAMENTO FAMILIAR E
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
CRIANÇAS COM IDADE PRÉ-ESCOLAR:
FAMÍLIAS COM FILHO ÚNICO**

**FAMILY FUNCTIONING AND LANGUAGE
DEVELOPMENT IN PRESCHOOL AGE CHILDREN:
ONE-CHILD FAMILIES**



Ana Carina Reis dos Santos **FUNCIONAMENTO FAMILIAR E
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
CRIANÇAS COM IDADE PRÉ-ESCOLAR:
FAMÍLIAS COM FILHO ÚNICO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terapia da Fala, realizada sob a orientação científica da Doutora Daniela Maria Pias de Figueiredo, Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro e coorientação científica da Doutora Marisa Lobo Lousada, Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus Pais e ao meu Irmão. Por toda a força e incentivo que me deram ao longo da minha vida e do percurso académico.

O júri

Presidente

Professor Doutor Luís Miguel Teixeira de Jesus

Professor Coordenador com Agregação da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

Vogal

Professora Doutora Ana Brígida Francisco Patrício

Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto

Vogal

Professora Doutora Daniela Maria Pias de Figueiredo

Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

À Professora Doutora Daniela Figueiredo, pela orientação científica, partilha de conhecimento, dedicação e acompanhamento ao longo de todo o percurso.

À Professora Doutora Marisa Lousada, pela coorientação científica, partilha de conhecimento e acompanhamento ao longo de todo o percurso.

Ao Professor Pedro Sá Couto, pela disponibilidade no esclarecimento de dúvidas relacionadas com a análise estatística.

Às minhas colegas Patrícia Almeida e Rosália Rocha, pelo apoio, motivação, partilha de conhecimento no decorrer de todo o projeto, compreensão perante as dúvidas e hesitações, e acima de tudo, pela amizade.

A todas as crianças que tornaram possível a realização deste trabalho e aos seus pais, por consentirem a sua participação voluntária.

À minha família pela força, imenso carinho, compreensão e por nunca me deixarem desistir.

A todos os meus amigos, pelo apoio, motivação e por me proporcionarem momentos de descontração.

Palavras-chave Desenvolvimento; Linguagem; Funcionamento Familiar; Pré-escolar; Intervenção centrada na família

Resumo **Enquadramento:** Na intervenção terapêutica com crianças, para que esta seja eficaz e eficiente, a colaboração da família é essencial. Sabe-se que o sistema familiar influencia o desenvolvimento da criança, através de vários fatores como a vinculação ou os estilos parentais. Contudo, existe escassez de informação sobre a relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem na criança.

Objetivos: O presente estudo teve como objetivo analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em crianças em idade pré-escolar em famílias com um único filho.

Metodologia: Este estudo é do tipo transversal e descritivo correlacional. A amostra é constituída por 44 famílias com filho único. Para a recolha dos dados foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACES) IV e Teste de Linguagem – Avaliação de Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE). A análise dos dados recorreu à estatística descritiva e inferencial.

Resultados: A maioria das crianças ($n=26$; 59,1%) que participaram no estudo são do sexo feminino e com uma média de idade de 4 anos e 3 meses. Quanto ao familiar, verificou-se a predominância também do sexo feminino ($n=42$; 95,5%) e uma média de idade de $36\pm 3,7$ anos. Na FACES IV, para a Coesão obteve-se uma maior percentagem no nível muito conectadas e na Flexibilidade no nível flexível. Nas subescalas desequilibradas Desligada, Emaranhada e Caótica observou-se que os números se concentraram no nível muito baixo e na Rigidez no nível baixo. Na Comunicação e na Satisfação verificou-se uma maior percentagem no nível alto. Quanto ao TL-ALPE, a cotação estandardizada da Expressão Verbal Oral (EVO) apresentou um valor médio de $101,2\pm 14,3$ e da Compreensão Auditiva (CA) de $107,4\pm 13,7$. Observou-se também uma tendência para a existência de diferença com significado estatístico entre a dimensão Emaranhada e a EVO. Para além disso, obteve-se um tamanho de efeito médio entre a EVO e três subescalas (Emaranhada, Comunicação, Coesão), sugerindo que em famílias com um nível de emaranhamento mais reduzido, coesão mais elevada e melhor comunicação, as crianças tendem a apresentar resultados mais elevados na EVO.

Conclusão: Os resultados sugerem uma ligeira tendência para a influência entre algumas dimensões do funcionamento familiar e as competências linguísticas de crianças em idade pré-escolar, em famílias com filho único. Contudo, apesar das limitações, o estudo desperta para a importância do papel da família durante o processo de intervenção terapêutica.

Keywords

Development; Language; Family functioning; Preschool; Family centred intervention

Abstract

Background: In therapeutic intervention with children family involvement is crucial for its effectiveness. It is already known that the family system influences the child's development, through various factors such as attachment or parenting styles. However, there is a lack of evidence about the relationship between family functioning and language development of the child.

Aims: This study aimed to analyze family functioning and language development in preschool-aged children in one-child families.

Methodology: This study had a cross-sectional descriptive and correlational design. The sample consisted of 44 families with an only child. For data collection, a Sociodemographic Questionnaire, Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES) IV and Teste de Linguagem – Avaliação de Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE). Descriptive and inferential analysis were performed.

Results: Most children (n=26; 59,1%) who participated in the study are female and with an average age of 4 years and 3 months. As for the family member, females were also prevalent (n=42; 95,5%) and a mean age of 36±3.7 years. In FACES IV, for Cohesion, a higher percentage was obtained at the very connected level and Flexibility at the flexible level. In the unbalanced subscales Disengaged, Enmeshed and Chaotic, it was observed that the numbers were concentrated in the very low level and Rigid in the low level. In Communication and Satisfaction there was a higher percentage at the high level. As for the TL-ALPE, the standardized Oral Verbal Expression (EVO) quotation presented a mean value of 101.2±14.3 and of the Listening Comprehension (CA) of 107.4±13.7. It was also observed a trend towards a statistically significant difference between the tangled dimension and the EVO. In addition, an average effect size was obtained between the EVO and three subscales (Entanglement, Communication, Cohesion), suggesting that in families with a lower level of entanglement, higher cohesion and better communication, children tend to present higher results on EVO.

Conclusion: The results suggest a slight trend towards the influence between some dimensions of family functioning and the language skills of preschool-age children in families with an only child. Despite its limitations, the study still awakens to the importance of the role of the family during the therapeutic intervention process.

Abreviaturas e/ou siglas IPSSs – Instituições Particulares de Solidariedade Social

FACES IV – *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale*

TL-ALPE – Teste de Linguagem – Avaliação de Linguagem Pré-Escolar

EVO – Expressão Verbal Oral

CA – Compreensão Auditiva

Índice

Capítulo 1: Introdução.....	1
1.1 Motivação do estudo.....	1
1.2 Estrutura da dissertação	2
Capítulo 2: Enquadramento Teórico	3
2.1 Desenvolvimento da Linguagem na criança em idade pré-escolar.....	3
2.1.1 Fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem na criança.....	4
2.2 Família como fator essencial para o desenvolvimento da criança.....	6
2.3 A Família como Sistema Familiar.....	11
2.3.1 Definição de Sistema Familiar	11
2.3.2 Ciclo de vida familiar.....	14
2.3.3 Famílias com filhos únicos.....	16
2.3.4 Estrutura e funcionamento familiar - O Modelo Circumplexo	17
Capítulo 3: Objetivos do estudo	21
Capítulo 4: Estudo Empírico	23
4.1 Desenho do estudo.....	23
4.2 Participantes.....	23
4.3 Procedimentos de recolha de dados e Considerações éticas	23
4.4 Instrumentos da recolha de dados	25
4.4.1 FACES IV.....	25
4.4.2 TL-ALPE.....	26
4.5 Procedimentos de análise de dados	27
Capítulo 5: Resultados.....	29
Capítulo 6: Discussão	35
Capítulo 7: Conclusões.....	37
Referências Bibliográficas.....	39
Anexos.....	46
Anexo 1 – Esquema do Modelo Circumplexo e do tipo de famílias.....	46

Anexo 2 – Tabela de cotações da FACE IV.....	47
Anexo 3 – Modelo Circumplexo e Pontuações da FACES IV	48
Anexo 4 – Perfil original da FACE IV	49
Anexo 5 – Perfil da FACE IV: Equilibradas versus Caoticamente Desligadas (Exemplo de preenchimento)	50
Apêndices.....	51
Apêndice 1 – Autorização formal para as IPSSs	51
Apêndice 2 – Consentimento Informado para os pais	52

Lista de Tabelas e Figuras

Tabela 1: Caracterização da Amostra (Dados Sociodemográficos)	29
Tabela 2: FACES-IV: Análise das Escalas Equilibradas e Desequilibradas de Coesão e de Flexibilidade Familiar	31
Tabela 3: Níveis de Dimensão da Coesão e da Flexibilidade Familiar	32
Tabela 4: FACES-IV: Análise das Escalas de Comunicação e de Satisfação Familiar	32
Tabela 5: Cotações TL-ALPE	33

Capítulo 1: Introdução

1.1 Motivação do estudo

Na intervenção terapêutica com crianças, para que esta tenha sucesso, seja eficaz e eficiente, a colaboração da família é essencial. Claramente é visível a importância que a participação ativa da família pode ter na intervenção com a criança, na medida em que esta permite obter informação sobre todo o percurso de desenvolvimento da mesma, para posteriormente ser possível traçar um plano de intervenção considerando as características, a rotina, os vínculos afetivos, os estímulos a que é exposta e as condições que tem para explorar. Para além disso, a família pode auxiliar na intervenção e ajudar no desenvolvimento do programa terapêutico, garantindo a continuidade do trabalho em casa e possibilitando a evolução da criança (Rosa, Rossigalli, & Soares, 2010). Considerando que uma sessão de terapia da fala em Portugal ocupa geralmente até uma hora e, a maioria das vezes, ocorre uma vez por semana, a família pode estar bastante mais tempo com a criança aplicando as estratégias fornecidas pelo terapeuta. Esta participação vai depender do tipo de família, bem como do seu funcionamento, uma vez que existem famílias deveras colaborativas e empenhadas na estimulação do desenvolvimento das crianças, outras que têm um papel muito mais passivo e que parecem menos disponíveis para o processo de intervenção.

Segundo Moghaddam (2014), existem algumas implicações, que as transições do ciclo de vida têm para a família e conseqüentemente para a intervenção terapêutica. Primeiramente, a compreensão da situação e do problema da criança, numa intervenção, deverá ser realizada considerando a família como um todo, ao invés de dirigir apenas para a criança, devido ao impacto que as transições do ciclo de vida familiar têm (Carvalho, Fernandes, & Relva, 2018; Moghaddam, 2014). Para além disso, o dia a dia dos adultos é cada vez mais atarefado e agitado, resultando em mais situações de stresse. Numa perspetiva de profissionais que trabalham com crianças, devem reconhecer-se os riscos das transições e das situações de stresse que ocorrem no ciclo de vida familiar que perturbam a capacidade de resposta da família para com as necessidades do desenvolvimento da criança (Moghaddam, 2014). O conhecimento sobre as transições do ciclo de vida familiar permite ter consciência e atenção para as mudanças das necessidades exigidas pelo desenvolvimento da criança. Assim, é possível trabalhar com a família para atender às necessidades ao longo do tempo e atenuar as conseqüências ou ajudar a tomar medidas preventivas, identificando as famílias para que seja possível apoiá-las (Moghaddam, 2014; Walsh, 2016).

Já Monica McGoldrick afirma que não se está a prestar a atenção aos padrões familiares nem a tomar atitudes perante as necessidades da vida das pessoas (McGoldrick, Preto, & Carter, 2016; Siegel, 2016). Neste sentido, é necessário compreender o que não está a funcionar de forma adequada em determinada família, o que está a “falhar” e como se pode ajudar para melhorar a intervenção conjunta ou prevenir futuras dificuldades. Ajudando as famílias, auxilia-se a criança e a sua evolução ao nível das suas capacidades.

Dessa forma, compreender o funcionamento familiar e como este influencia o desenvolvimento da criança, pode facultar ferramentas para a melhoria da intervenção terapêutica, como auxiliar e intervir na família, de forma direta ou indireta, atuando com um papel preventivo.

Os fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem, os membros que constituem a família e as interações estabelecidas entre eles, têm sido estudadas de forma a compreender melhor o seu funcionamento e as suas dinâmicas internas e externas, ao longo do seu ciclo de vida. No entanto, existe escassez de informação sobre a relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem na criança.

Para este estudo, que se insere num projeto mais alargado para diferentes tipologias de famílias, foi selecionado o tipo de famílias com filho único, pois ao longo dos anos, devido ao término dos estudos pelo aumento dos anos de escolaridade e alcance da estabilidade tardia, o número de membros familiares tem diminuído e existe alguma predominância de um único filho (Carvalho, Francisco, & Relvas, 2017).

1.2 Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em seis capítulos. Neste primeiro capítulo (Introdução) são apresentadas as motivações do estudo e descrita a sua estrutura. No capítulo 2 (Enquadramento Teórico) abordam-se pressupostos teóricos, definindo e clarificando conceitos fundamentais e necessários à compreensão dos conteúdos deste estudo. No capítulo 3 (Objetivos do Estudo) são definidos os objetivos da presente investigação. No quarto capítulo (Estudo Empírico) apresentam-se as opções metodológicas adotadas. No capítulo 5 (Resultados) descrevem-se os resultados obtidos para no capítulo 6 (Discussão) serem discutidos. No sétimo capítulo (Conclusões) realiza-se um resumo do trabalho desenvolvido durante a investigação, bem como uma exposição das principais conclusões obtidas, das limitações do estudo e sugestões de trabalhos futuros.

Capítulo 2: Enquadramento Teórico

2.1 Desenvolvimento da Linguagem na criança em idade pré-escolar

O desenvolvimento humano é a evolução de processos de sucessivas e sistemáticas transformações que cada indivíduo sofre ao longo do tempo. Caracteriza-se pelas etapas recursivas e períodos críticos de um organismo individual no seu percurso, bem como pelas mudanças resultantes das interações e das relações com o seu meio. Traduz-se então por uma trajetória de transformações, de diferenciação e integração progressiva (Sim-Sim, 1998; Teixeira de Melo & Alarcão, 2014).

Desde o nascimento até à entrada na idade escolar, a criança percorre um longo caminho de aquisição de linguagem. Entende-se por linguagem a capacidade específica da espécie humana que permite comunicar e pensar através de um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados (Sim-Sim, 2017). Esta é uma forma de comunicação exclusiva do ser humano, sendo essencial não só para a função comunicativa, como para a interação, a expressão de sentimentos e de ideias, mas também para todo o processo de aprendizagem de competências. Abrange a componente expressiva e compreensiva, envolvendo a interiorização de regras específicas quanto à forma, ao conteúdo e ao uso da língua, resultando em cinco dimensões. Quanto à forma, inclui a fonologia que envolve os sons e as respetivas combinações para formar padrões sonoros, a morfologia que se prende com a formação e a estrutura interna das palavras e ainda a sintaxe que diz respeito à organização das palavras em frases. O conteúdo abrange o significado e a relação entre as palavras que é representado pela semântica. Por fim, a pragmática encarrega-se das regras do uso da linguagem e a sua adequação a cada contexto. (ASHA, 1982; Sim-Sim, 1998, 2017).

Desta forma, o desenvolvimento linguístico da criança é definido pelas mudanças no conhecimento da língua, na compreensão e na produção verbal, quanto à forma, ao conteúdo e ao uso, que ocorrem durante o período de aquisição, implicando o seguinte conjunto de princípios: as crianças passam por períodos esperados em que ocorrem desempenhos ou comportamentos específicos (estádios); segue uma ordem sequencial previsível; estes marcos de desenvolvimento ocorrem aproximadamente na mesma idade; é essencial as crianças vivenciarem experiências; e as variações individuais fazem parte deste processo. Para além disso, existem ainda os períodos críticos que são intervalos de tempo em que a criança está disponível e predisposta para absorver o máximo de informação e de aprendizagens das experiências. Com estes princípios e conceitos já é possível depreender que o desenvolvimento é influenciado não só pela

genética, mas também pelo resultado da interação entre as experiências do meio e a hereditariedade (Domingues, 2013; Sim-Sim, 1998, 2017).

A aquisição da linguagem, na vertente oral, refere-se à apreensão subconsciente de um sistema linguístico, realizado através da exposição ao meio, de forma natural e espontânea, sem a necessidade do ensino formal. Assim, a criança necessita de estar integrada num ambiente em que ouça outras pessoas a falar (exposição passiva) e onde interajam diretamente com ela (exposição ativa). Neste sentido, quanto maior for a exposição aos diferentes meios, interlocutores e interações comunicativas, mais favorável será o desenvolvimento da linguagem da criança (Cadório, 2013; Domingues, 2013; Perdigão, 2014; Sim-Sim, 1998, 2017).

É neste período, entre o nascimento e a idade pré-escolar, que se verificam as maiores conquistas ao nível do desenvolvimento linguístico, observando-se uma evolução rápida e proeminente, que está intimamente relacionada com a maturação neurológica. No entanto, a comunidade, a família e a educação representam um papel fundamental para dotar a criança com as competências necessárias para posteriormente ser capaz de dominar a estrutura da língua alvo (Cadório, 2013; M. S. Silva, 2015; Sim-Sim, 1998).

2.1.1 Fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem na criança

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem são processos complexos que ocorrem do equilíbrio entre as características individuais das crianças, que incluem a base genética e a maturação neuropsicológica, e as características do seu meio, mais especificamente as afetivas, as sociais e as psicológicas (Cachapuz, 2006). Para além disso, existem diferenças individuais no desenvolvimento linguístico, quer no processo de aquisição, como na velocidade e na qualidade (Carvalho et al., 2016).

A comunidade científica tem-se dedicado ao estudo da influência dos vários fatores, individuais e sociais, que podem influenciar o desenvolvimento da linguagem das crianças. Alguns dos fatores não exercem por si só um efeito significativo no desenvolvimento linguístico da criança, contudo, em conjunto e em interação com outros, adquirem uma dimensão significativa (Cadório, 2013).

O fator individual primordial e decisivo para o desenvolvimento prende-se com as competências físicas e estruturais, bem como cognitivas e percetivas que, quando se desenvolvem sem alterações, permitem que a criança tenha condições para a aquisição da linguagem (Johnston, 2010; Sim-Sim, 1998).

O gênero é um fator individual que vários autores defendem que tem implicações no desenvolvimento da linguagem de crianças até à idade pré-escolar, constatando-se um melhor desempenho linguístico por partes das raparigas em relação aos rapazes. Acredita-se que com o aumento da idade, outros fatores atenuam a influência desta variável (Cachapuz, 2006; Cadório, 2013; Fish & Pinkerman, 2003; Flax et al., 2003; Hulle, Goldsmith, & Lemery, 2004; Locke, Ginsborg, & Peers, 2002; Reynolds & Fish, 2010). Porém, outros estudos revelam que, apesar das diferenças no desempenho linguístico entre crianças do sexo feminino e masculino, as mesmas não são significativas (Cadório, 2013; Hulle et al., 2004; Sim-Sim, 1998).

Quanto à idade, verificam-se evoluções significativas no desempenho em testes de avaliação de linguagem estandardizados, nos vários domínios da linguagem com o aumento da idade cronológica. Dessa forma, espera-se que crianças mais velhas demonstrem mais competências linguísticas do que as mais novas (Afonso, Freitas, & Alves, 2009; Cadório, 2013; Reynolds & Fish, 2010).

Os diversos contextos específicos do meio que envolve a criança têm uma grande influência na evolução linguística (ASHA, 1982; Sim-Sim, 1998, 2017). No ambiente da criança estão presentes os modelos verbais e as experiências que lhe são proporcionadas, tendo um impacto no desenvolvimento da linguagem. As relações com a situação vivida, a quantidade e a qualidade dos modelos verbais têm influência no desenvolvimento da criança. Nos primeiros anos de vida, não se considera promotor do desenvolvimento linguístico o exagero de utilização de conceitos e construções gramaticais muito infantis ou ainda a falta de associação da linguagem às experiências fornecidas pelo meio (Cachapuz, 2006). Para além dos modelos, os próprios estímulos proporcionados no ambiente familiar, como os brinquedos e os jogos disponíveis, a presença de livros, o incentivo à leitura e as conversas com a criança, têm um papel crucial para a aquisição das competências linguísticas. Assim, é importante contar ou ler histórias e dialogar com a criança, garantindo a qualidade na interação. As experiências, os conhecimentos e as capacidades das famílias, favorecem a sobrevivência, a proteção, o desenvolvimento, a participação e a interação das crianças nos seus contextos (Azul & UNICEF, 2003; Cachapuz, 2006; Carvalho et al., 2016; Gilger, Ho, Whipple, & Spitz, 2001). Estes aspetos têm relação direta com o número de familiares que moram na mesma casa, a qualidade do envolvimento parental e o nível intelectual e cultural do seio familiar influenciando-se reciprocamente e, conseqüentemente, tendo impacto no desenvolvimento linguístico (Cachapuz, 2006; Gilger et al., 2001).

O número de irmãos pode também influenciar o desenvolvimento da criança, sendo defendido por Cachapuz (2006) que em famílias com três ou mais irmãos, a disponibilidade parental para oferecer atenção à criança é menor, bem como os estímulos para explorar e desenvolver competências.

Também a presença de problemas emocionais ou psicológicos por parte dos pais pode influenciar negativamente o desenvolvimento linguístico da criança. Este facto poderá ser explicado pela falta de disponibilidade para dar atenção à criança, de qualidade e quantidade de estímulo (Carvalho et al., 2016; Pagliarin, Brancaloni, Keske-Soares, & Souza, 2011).

Segundo vários estudos, também as condições socioeconómicas associadas às classes sociais influenciam o desenvolvimento da linguagem na criança. Pais com maior poder de compra e com formação superior ou diferenciada tendem a produzir frases complexas, com maior variação sintática e melhor complexidade gramatical, podendo também possibilitar experiências mais ricas e diversificadas, influenciando positivamente o desenvolvimento da criança, principalmente nos domínios semântico e morfossintático. Por outro lado, os estudos também têm evidenciado que condições socioeconómicas baixas se associam a dificuldades ao nível da linguagem, colocando-se a hipótese de se dever às situações stressantes vividas pela criança, como instabilidade familiar, nutrição inadequada, falta de cuidados de saúde, que consequentemente afetam negativamente o desenvolvimento da linguagem (Andraca, Pino, Parra, & Rivera, 1998; Cachapuz, 2006; Cadório, 2013; Fish & Pinkerman, 2003; Gurgel, Vidor, Joly, & Reppold, 2014; Hoff, 2003; Locke et al., 2002; Qi, Kaiser, Milan, Yzquierdo, & Hancock, 2003).

Neste sentido, a família assume um papel fundamental, uma vez que necessita de criar um ambiente facilitador para a criança desenvolver as suas competências.

2.2 Família como fator essencial para o desenvolvimento da criança

A família é o primeiro contexto que a criança tem na sua vida e possui um papel essencial a todos os níveis no seu desenvolvimento. Um ser humano tem sempre uma família, sendo impossível pensar no seu percurso de vida sem ela, mesmo que esta não seja a biológica. É a família que, neste percurso de vida, é a instituição básica, que proporciona as primeiras relações sociais, bem como aprendizagens sobre as pessoas, as situações e as próprias capacidades individuais, devido às suas funções de socialização, afetividade e de educação. Todas estas aquisições determinam a

construção da personalidade e de desenvolvimento de competências de um indivíduo (Carvalho et al., 2016; Carvalho, Fernandes, & Relva, 2018; Rebelo, 2008).

Numa família, o comportamento de um dos membros e as suas consequências não são isoladas, influenciando todo o sistema familiar (Alarcão, 2000). Desta forma, o funcionamento da família tem efeitos na identidade de um indivíduo e no seu desenvolvimento (Carvalho et al., 2018). A relação entre as tarefas de cada membro, as características individuais e ainda a pressão social para o desempenho das tarefas são cruciais para a continuidade funcional do sistema familiar (Rebelo, 2008). É neste contexto familiar que é desenvolvido o sentimento de pertença e a autonomia, que são aspetos importantes para a formação de um ser humano (Carvalho et al., 2018). Para além disso, estudos longitudinais referem que a resiliência das crianças depende em grande parte do apoio fornecido pelos familiares, como os pais e as suas famílias mais alargadas, pois amortecem as tensões ao enfrentar desafios, estabelecendo relações cooperativas entre eles, ao longo do tempo. Outros estudos demonstram que crianças podem prosperar em estruturas familiares que são estáveis, estimuladoras e protetoras (Walsh, 2016).

Os membros da família são os principais interlocutores no meio da criança, sobretudo até ao período pré escolar, tendo portanto uma grande influência nos fatores do ambiente social, que parecem afetar o desempenho linguístico: as características do discurso dos interlocutores, as especificidades do contexto não linguístico e os padrões de interação adulto-criança (Sim-Sim, 1998, 2017). Relativamente às características do discurso das famílias, este poderá ser mais elaborado, alterando a complexidade consoante a necessidade de compreender e explicar um determinado assunto, ou um discurso restrito limitado à manutenção ou modificação imediata de um determinado papel na interação. Existem famílias que variam entre estes tipos de discurso e outras que se confinam apenas ao discurso restrito. Como é esperado, os assuntos e as formas de discurso em casa serão refletidas no discurso da criança. Quanto às especificidades do contexto não linguístico podem incluir o papel da criança na família, a sua posição entre os irmãos em relação à ordem de nascimento, bem como o conjunto de momentos e de aprendizagens que lhe são proporcionadas (Sim-Sim, 1998).

No que diz respeito aos padrões de interação, os familiares que se mostram disponíveis para conversar com a criança, responder a perguntas e a iniciativas comunicativas, encorajando a curiosidade e aproveitando as experiências para proporcionar aprendizagens, favorecem o bom desenvolvimento da linguagem. Ao contrário das famílias que optam por estratégias pouco comunicativas e ordens abruptas, repreendendo e castigando sem oportunidade para explicações, acabando por ignorar

as questões realizadas pela criança (Sim-Sim, 1998). Quando se fala de interações é importante ter em atenção três aspetos: qualidade (a forma como os indivíduos executam as atividades), o conteúdo (o que os membros fazem juntos) e os padrões de interação (a frequência dos diferentes tipos de interação ou dos modos pelos quais estas são aplicadas no tempo) (Silva, 2007).

Alguns autores consideram que as interações familiares são caracterizadas pela sincronia, supervisão, afetividade e liderança. A sincronia prende-se com a adequação ou não dos comportamentos de um membro da família para outro. Existe sincronia quando o adulto percebe, interpreta e responde de forma adequada e temporalmente contingente ao comportamento da criança, gerando um ciclo de interações produtivas. Quando não está presente esta sincronia, as respostas são inadequadas, inoportunas, não contingentes ou mesmo ausentes, desfavorecendo a interação (Almeida, 2014; Silva, 2007; Silva & Dessen, 2003, 2006; Zamberlan, 2002). A supervisão relaciona-se com o feedback em resposta de um comportamento e a ajuda que um membro da família fornece à criança na realização de uma tarefa. Uma supervisão inadequada caracteriza-se pela ausência de feedback e de ajuda. Quanto à afetividade, a interação entre o familiar e a criança poderá transmitir comportamentos que representam tranquilidade e satisfação, sendo considerada saudável, ou irritação e descontentamento, reconhecida por conflituosa. Por último, a liderança caracteriza-se por uma interação que se desenvolve com a predominância ou não de um dos membros. Na presença de liderança, um dos membros familiares destaca-se por ser o maior responsável pela orientação das normas, das regras e dos padrões de interação familiar. Em famílias saudáveis e funcionais são os pais que desempenham as funções de liderança (Almeida, 2014; Silva & Dessen, 2003, 2006; Nara Silva, 2007).

As experiências proporcionadas pelas interações sociais com o ambiente favorecem não só o desenvolvimento cognitivo, mas também a estruturação dos domínios linguísticos da criança (Sim-Sim, 1998). Neste meio, na relação entre pais e filhos existe um conjunto de atitudes relacionadas com a hierarquia, a disciplina e o apoio emocional que se traduzem nos estilos parentais. Estes estão divididos em três tipologias: autoritário, permissivo e autoridade democrática. Os comportamentos dos pais traduzem-se em práticas parentais que estão relacionadas com os estilos parentais (Carvalho & Silva, 2014; Santos, 2013; Valentini & Alchieri, 2009). Salienta-se que os pais que utilizam práticas parentais características do estilo autoridade democrática sentem-se mais competentes no seu papel e, conseqüentemente, apresentam maior capacidade de influenciar de forma positiva o desenvolvimento e comportamento dos seus filhos. Contrariamente às práticas dos estilos autoritário e permissivo que

representam um fator de risco no desenvolvimento da criança, uma vez que a negligência física e afetiva é o que as caracteriza (Alarcão, 2000; Santos, 2013).

Os pais com um estilo autoritário tendem a ser extremamente exigentes com os seus filhos e pouco afetivos, tentando influenciar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes das crianças, não existindo espaço para a sua autonomia e individualidade. A obediência e a punição são consideradas como virtudes (Carvalho & Silva, 2014; Santos, 2013; Valentini & Alchieri, 2009). Este estilo autoritário tende a ser acompanhado de práticas educativas negativas, como é o caso da punição física, da carência afetiva e da ausência de reforços positivos (Santos, 2013).

O estilo permissivo pode ainda subdividir-se em indulgente e negligente. O indulgente caracteriza-se por pais pouco exigentes, que não impõem limites e regras aos seus filhos, evitando o controlo e tomando uma postura condescendente. Não se assumem como modelos nem agentes ativos na alteração dos comportamentos dos filhos, mas sim como meio de satisfação das necessidades, contudo são bastante afetivos (Carvalho & Silva, 2014; Santos, 2013; Valentini & Alchieri, 2009). Por outro lado, no estilo negligente, os pais revelam responsividade, afeto e controlo reduzidos, demonstrando pouco interesse pelas atividades dos filhos, sendo agentes passivos e meros espectadores no processo de desenvolvimento da criança (Carvalho & Silva, 2014; Santos, 2013; Valentini & Alchieri, 2009). Os pais cujo estilo parental é essencialmente permissivo, tendem a assumir uma postura excessivamente passiva e permissiva, que se revela também como uma práticas educativas negativas (Santos, 2013).

Por fim, os pais com autoridade democrática apesar de exercerem o seu papel com firmeza, colocando regras e limites, também demonstram apoio e afeto, e direcionam as atividades das crianças de forma orientada e racional, incentivando ao diálogo, sem as restringir. Desta forma, fornecem um ambiente estimulador e desafiador, estimulando a independência e individualidade. Os pais com um estilo de autoridade democrática tendem a explicitar as regras e as motivações inerentes à prática parental aplicada relativamente aos filhos, favorecendo a comunicação e a compreensão (Carvalho & Silva, 2014; Santos, 2013; Valentini & Alchieri, 2009). Este estilo é associado a práticas positivas. Vários autores defendem as vantagens deste estilo, assumindo que é o melhor preditor de um desenvolvimento cognitivo emocional e social saudável na criança, nomeadamente no que diz respeito à autoestima, às competências sociais e ao desempenho escolar (Santos, 2013). Sendo assim, verifica-se que as crianças de pais de um estilo parental de autoridade democrática apresentam reduzidos problemas de comportamento, depressão e ansiedade, e por outro lado, um maior número de

comportamentos exploratórios, maior assertividade, autoestima, autoconfiança, competência social, autorregulação, persistência, criatividade, autocontrole, bem como mais competências acadêmicas e de liderança, contrariamente aos restantes estilos parentais (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Também o vínculo com os pais é considerado um fator estruturante da personalidade e do desenvolvimento da criança. Na teoria do apego ou da vinculação, Bowlby enfatiza a importância dos laços emocionais íntimos, especialmente entre mãe-criança, que se estabelecem bidireccionalmente e de forma recíproca e contínua, em todos os estádios do desenvolvimento. Nos primeiros anos de vida da criança, estabelecem-se as relações primordiais que formam a base para as relações futuras, sendo por isso bastante óbvia a influência dos cuidadores principais no desenvolvimento da criança (Castro & Piccinini, 2002). Estas relações permitem regular os comportamentos de proximidade e de exploração do meio, ou seja, quando as crianças sentem segurança na vinculação, são capazes de organizar os seus comportamentos de modo a gerir as suas necessidades de conforto e de proteção, e ainda de explorar ativamente o meio (Cardoso & Veríssimo, 2013). A segurança que é transmitida à criança, bem como a disponibilidade e a prontidão das figuras parentais, permitem que explore o mundo e saiba que, quando retomar, será bem vinda, nutrida e confortada física e emocionalmente (Castro & Piccinini, 2002). Efetivamente a presença de segurança nas relações de vinculação está frequentemente associada às características de responsividade e de sensibilidade na parentalidade. É crucial que as figuras cuidadoras tenham a capacidade de interpretar e perceber os sinais dos filhos, de forma a fornecer uma resposta pronta e adequada de acordo com as suas necessidades desenvolvimentais (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Nas relações de vinculação segura, a figura parental revela mais sensibilidade, disponibilidade emocional, cooperação e aceitação. No que concerne às crianças com esta vinculação segura demonstram várias características positivas como autoestima, autoconfiança, autonomia, perseverança, empatia, flexibilidade na gestão de emoções e dos impulsos, competências sociais e de resolução de problemas, comportamentos de partilha afetiva, sendo cognitivamente flexíveis (Cardoso & Veríssimo, 2013; Castro & Piccinini, 2002). Por outro lado, crianças com relações de vinculação inseguras e inadequadas são propícias a ser desorganizadas e mais ansiosas, apresentando maior probabilidade de desenvolver perturbações do comportamento, sintomas depressivos, problemas de isolamento e autoconceito, limitações sociais, cognitivas, linguísticas e ainda atrasos e/ou dificuldades no desenvolvimento (Cardoso & Veríssimo, 2013; Castro & Piccinini, 2002; Sroufe, 2000).

Desta forma, independentemente da natureza ou extensão das condições ou problemas a que o sistema familiar é exposto (como por exemplo, as condições financeiras), uma família unida com uma relação entre cuidadores e crianças adequada e afetiva, resulta numa função protetiva para a linguagem e desenvolve competências nas crianças que as ajudam a lidar com as situações de adversidade com maior eficácia do que crianças que não usufruem desses benefícios durante a sua infância (Cachapuz, 2006; Wolkow & Ferguson, 2001).

Como é possível constatar, o desenvolvimento da criança depende bastante da família e do seu relacionamento e, dessa forma, deve ser observado tendo em conta o contexto de toda a família, bem como o seu funcionamento.

2.3 A Família como Sistema Familiar

2.3.1 Definição de Sistema Familiar

Os autores Sampaio & Gameiro (1992, p.9) definem família como “um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados” (Rebelo, 2008). Desta forma, a interação recorrente dos membros de um sistema familiar, das suas próprias regras e dinâmicas intrínsecas resulta num conjunto de padrões, processos, funções e estruturas. Revelam ser sistemas dinâmicos complexos de auto-organização (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014). Sendo assim, cada família, devido às suas experiências de adversidade e dinâmicas, compartilha características comuns com outras famílias, no entanto, tem também as suas especificidades únicas (Walsh, 2016).

A maioria dos estudos direcionados para a família foca-se em variáveis particulares de funcionamento e em dimensões muito específicas. Outras pesquisas, em vez de dirigir o foco para a família como um todo, concentram-se nas dimensões em relação à adaptação individual e ao seu desenvolvimento (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014). O sistema familiar revê-se nas mesmas propriedades que um sistema aberto, significando que a família deve ser observada como um todo (Carvalho et al., 2018).

Desta forma, é importante mencionar a ciência da complexidade que se dedica aos sistemas complexos, pretendendo compreender como diferentes elementos individuais, interagindo por regras simples e sem controlo externo, espontaneamente criam

padrões, estruturas e funções complexas. As dimensões da complexidade surgem das interações não lineares dos elementos simples, na fronteira entre o caos e a rigidez, a ordem e a desordem. Uma perspectiva da complexidade foca-se também nas prioridades estruturais, dinâmicas e funcionais de todo o sistema familiar. A complexidade salienta a autonomia da família, bem como a sua singularidade como um sistema familiar (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014). Os sistemas complexos são adaptáveis e desenvolvem-se em relação estreita com o seu meio, existindo trocas de informação, de matéria e de energia, que criam heterogeneidade e afastam o sistema do equilíbrio. Consequentemente, são desenvolvidas estruturas que procuram estabilizar o sistema atenuando as flutuações. Dessa forma, são sujeitos a pequenas variações que os preparam para momentos de crises, devido à dinâmica de estabilidade que é mantida (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014).

O relacionamento entre os membros de um sistema cria padrões organizados coerentes, que por sua vez, dão origem a regras (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014). Em alguns estudos, o conceito de complexidade foi utilizado para detetar a influência de interações familiares específicas, como a interação entre duas pessoas para a resolução de problemas ou no percurso de desenvolvimento de crianças e de adolescentes saudáveis ou desajustados. A partir destes estudos foi possível constatar a importância das interações familiares a cada momento, bem como do relacionamento emergente (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014).

A família apresenta múltiplos padrões coordenados (ex. identidade, coesão, clima emocional), considerando-se um sistema multidimensional. Para compreender o desenvolvimento familiar, é necessário explorar de que forma surgem estas dimensões pela primeira vez, em que condições emergem e se transformam, como exercem influências nos indivíduos e ainda como se coordenam entre si (Teixeira de Melo & Alarcão, 2014). Por esse motivo, é importante compreender melhor o sistema familiar, explorando as tipologias de famílias, o relacionamento entre os membros, a estrutura, o seu funcionamento e o ciclo de vida familiar.

Assim sendo, Alarcão (2000) refere-se a famílias relativamente aos elementos que a constituem (Rebelo, 2008):

- *Família nuclear*, caracterizada por membros que realizam atividades comuns, devido à sua união por laços afetivos e biológicos;
- *A extensa*, definida por um conjunto de membros colaterais do grupo da família nuclear;
- *A de origem*, com o grupo familiar original de cada um dos progenitores;

- A *monoparental*, constituída apenas por um dos progenitores.

Os autores Olson & Gorall (2006) ainda defendem a existência de outra tipologia com seis tipos de famílias dirigida ao estudo do funcionamento familiar, estruturada no instrumento FACES IV (*Family adaptability and Cohesion Scales*) e baseada no Modelo Circumplexo, que irão ser explorados mais à frente, sendo elas:

- *Equilibradas*, que revelam um funcionamento saudável e uma boa capacidade de adaptação às adversidades;

- *Rigidamente equilibradas*, funcionando adequadamente a maioria das vezes devido ao seu nível de proximidade, porém a rigidez pode dificultar as mudanças;

- *Médias*, que não apresentam níveis extremos, funcionando bem;

- *Flexivelmente desequilibradas*, que é um tipo de família difícil de caracterizar, pois demonstram um funcionamento problemático, contudo, são capazes de alterar alguns níveis problemáticos devido à flexibilidade;

- *Caoticamente desconectadas*, correspondem a um funcionamento problemático, revelando uma grande dificuldade na mudança;

- *Desequilibradas*, caracterizadas por um funcionamento completamente problemático.

Minuchin & Fishman (1990) referem-se a um conjunto de relações verbais e não verbais, que denomina de “padrões transacionais”. Estes definem as relações cognitivas, comportamentais e afetivas que se estabelecem com os seus membros, bem como os seus papéis individuais. O subsistema onde os membros se inserem estabelece estas relações, resultando em quatro subsistemas familiares (Alarcão, 2000):

- O *individual*, caracterizado pela individualidade de um indivíduo;

- O *conjugal*, relativo à relação entre marido e mulher;

- O *parental*, determinado pela relação pais-filhos, bem como a função executiva dos adultos;

- E o *fraternal*, resultante da relação entre os irmãos.

Os vários membros de uma família podem pertencer a mais do que um subsistema ao mesmo tempo, ao longo da vida, sendo que cada um destes subsistemas requer funções e tarefas específicas, que se relacionam entre si. Desta forma, é possível constatar a capacidade adaptativa de um sistema familiar e a necessidade de delimitação de limites (Alarcão, 2000; Rebelo, 2008). A capacidade de um sistema familiar se ajustar a diferentes situações, especialmente as causadoras de stresse, e

atuar como um todo, é definida como funcionamento familiar (Alarcão, 2000; Carvalho et al., 2017).

Todas as adaptações que um sistema familiar tem de fazer no seu seio, bem como em consonância com a sociedade de forma a acompanhá-la, suscitam mudanças no conceito de família ao longo dos tempos, sendo necessário compreender o ciclo vital, pois retrata um conjunto de estádios que implicam transformações (Menezes, 1989; Rebelo, 2008).

2.3.2 Ciclo de vida familiar

O desenvolvimento familiar caracteriza-se pela mudança da família enquanto grupo, bem como dos seus membros individualmente, ao nível funcional, interacional e estrutural. Dessa forma, identificar as sequências previsíveis de transformações na organização da família, ou seja, *ciclo vital*, é fundamental. Toda a vida pressupõe um princípio, um meio e um fim e na família esta evolução é denominada por ciclo vital (Alarcão, 2000; Rebelo, 2008).

Através dos modelos do ciclo de vida familiar é possível compreender o desenvolvimento da família e definir as transições “normativas” e estádios comuns no seu percurso (Moghaddam, 2014). Estas fases foram estabelecidas por eventos previsíveis e principais que alteram o estado e a dinâmica interna de uma família, envolvendo diferentes tarefas e papéis entre os membros em cada uma das fases (Moghaddam, 2014; Teixeira de Melo & Alarcão, 2014). Para além disso, a abordagem do ciclo de vida permite compreender as tarefas familiares e os principais desafios relacionados às transformações internas.

No entanto, é necessário ter em conta que os eventos de vida de uma família podem não ser estáticos e que se torna insuficiente para estudar a diversidade e complexidade da vida da família, para além de que não reflete os processos familiares relacionais que se manifestam em fases anteriores, tornando-se uma perspetiva restritiva (Moghaddam, 2014; Teixeira de Melo & Alarcão, 2014).

Vários autores defendem modelos de ciclo de vida, com diferenças, mas também com semelhanças. A seguir podemos verificar um deles, proposto por Olson e colaboradores que, baseando-se no Modelo Circumplexo (aprofundado mais à frente), definem sete estádios (Rebelo, 2008):

- O primeiro estádio refere-se a *casais jovens sem filhos*, em que o foco das preocupações do casal diz respeito à reformulação e à negociação dos objetivos

individuais e do casal, aceitando mutuamente os estilos de vida, uma vez que nesta fase, ainda não existem exigências de filhos.

- O segundo estágio é relativo a *famílias com crianças* pequenas e em *idade pré-escolar*. O centro total da atenção das famílias é o crescimento e a nutrição das crianças, sendo os pais fontes primárias de controlo e de informação.

- Num terceiro estágio enquadram-se as *famílias com crianças em idade escolar*, em que o foco é direcionado para a educação e socialização das crianças. Nesta fase, a criança mais velha terá entre seis e doze anos.

- As *famílias com adolescentes*, no quarto estágio, caracterizam-se pela preparação dos adolescentes para a saída de casa.

- No estágio cinco, as *famílias lançadoras* dedicam-se à saída dos adolescentes de casa, de forma a estes estabelecerem identidades e papéis fora da unidade familiar. Nesta fase, os papéis dos membros, bem como as regras sofrem alterações, e preocupam-se com a independência bem sucedida dos seus filhos.

- No estágio seis, deparamo-nos com as famílias com o *ninho vazio*, pois os filhos já saíram de casa dos seus pais. Algumas regras formais ainda são mantidas, porém, a família ocupa-se das necessidades do casal, bem como dos relacionamentos com filhos e netos.

- No último estágio, sétimo, encontram-se as *famílias na reforma*, que com as contribuições na carreira, o crescimento e a supervisão dos filhos concluída, dedicam-se à manutenção dos relacionamentos, quer do casal, quer da família alargada e amigos.

Em todas os estádios do ciclo de vida, a dinâmica da família sofre mudanças, não só ao nível da família, mas também dos seus membros (Carvalho et al., 2018). As crianças experienciam mais eventos de vida (positivos e negativos) durante as transições do ciclo de vida familiar do que os restantes membros (Moghaddam, 2014).

Salienta-se ainda que, ao longo dos anos, a sociedade tem evoluído bastante, tendo consequências como a diversificação e a complexidade nas culturas e nas estruturas familiares. Desse modo, não se deve considerar como padrão nenhum modelo familiar ou sequência de estádios de vida (Walsh, 2016).

2.3.3 Famílias com filhos únicos

Nas últimas décadas, as famílias têm vindo a tornar-se cada vez mais diversificadas, sofrendo alterações na sua estrutura e no seu funcionamento, existindo uma redefinição do sistema familiar em Portugal. A duração do ensino superior, a instabilidade de emprego por um período de tempo prolongado e o casamento em idades mais tardias, são alguns fatores que podem justificar estas alterações. Atualmente constata-se que o número de famílias aumentou, no entanto, o número de membros de cada família diminuiu e, conseqüentemente, sistemas familiares com filhos únicos tornou-se frequente na sociedade (Carvalho et al., 2017). Este facto despertou interesse no sentido de perceber melhor que influência pode ter um sistema familiar num filho único e o que é conhecido sobre o seu desenvolvimento.

Diversos autores defendem que, geralmente, apesar das diferenças existentes na interação com os pares e no ambiente de competição, os filhos únicos não sofrem desvantagem no desenvolvimento, podendo até superar as crianças que têm irmãos no que diz respeito à socialização, personalidade, desempenho académico e adaptação (Freitas & Piccinini, 2010; Nunes, Goulart, & Mengarda, 2011; Stingelin, Robalinho, & Costa, 2015). Os filhos únicos desfrutam da atenção exclusiva dos seus progenitores e outros familiares mais próximos, podendo estar expostos a uma maior estimulação proporcionada por estes e resultar num melhor desenvolvimento cognitivo e linguístico (Caldas, Garotti, Chermont, & Dos Santos, 2016; Silva & Fleith, 2008).

Apesar da diferença do desenvolvimento entre os filhos únicos e os filhos de famílias com duas crianças não ser significativa, o mesmo não é possível dizer das famílias com um número elevado de filhos onde se constata percursos com divergências. Em famílias com um número elevado de filhos (três ou mais), as estratégias parentais permissivas predominam, sendo que alguns autores acreditam que este recurso se deve à reduzida expressão afetiva (Santos, 2013).

Segundo vários estudos, os filhos únicos geralmente são mais autónomos no que diz respeito ao controlo pessoal, diligentes em termos de desempenho educacional ou profissional, revelam maior iniciativa e motivação pessoal, têm personalidades mais fortes devido à sua elevada autoestima, em comparação com crianças de famílias com mais do que um filho (Mellor, 1990).

Embora seja evidente a influência do sistema familiar, não se pode desprezar o facto de existirem outras questões associadas e que podem influenciar, também, o desenvolvimento da criança. São exemplo disso os fatores intrínsecos e o

funcionamento da família. O impacto que as variações do meio podem causar são, também, suscetíveis de influenciar o desenvolvimento da criança.

2.3.4 Estrutura e funcionamento familiar - O Modelo Circumplexo

O Modelo Circumplexo dos sistemas conjugais e familiares foi desenvolvido originalmente por David Olson, Douglas Sprenkle, e Candyce Russell, o qual tem como objetivo compreender a dinâmica e o funcionamento da família de forma a intervir para melhorar a funcionalidade (Wilde, 2018). Foi desenvolvido para preencher as lacunas que normalmente existem entre a pesquisa científica, a teoria e a prática (Olson, 2000). Este modelo permite que exista uma linguagem comum entre as famílias de forma a verificarem o seu funcionamento, mais especificamente comparar se este é dito normativo para os fatores de stresse do momento, planejar o modo como poderão melhorar o seu funcionamento e monitorizar o processo conforme vão sofrendo mudanças (Olson, DeFrain, & Skogrand, 2010; Wilde, 2018).

Este modelo tem três dimensões centrais: flexibilidade, coesão e comunicação. Um quarto conceito tem vindo a juntar-se a estes pelo surgimento da sua necessidade, a satisfação (Olson, 2000; Rebelo, 2008).

A flexibilidade é a capacidade sistemática de mudança perante uma situação de stresse, relativamente à liderança (controle, disciplina), aos estilos de negociação, aos papéis e às regras de relacionamento. Foca-se no equilíbrio dos sistemas entre “estabilidade” versus “mudança”. Este equilíbrio significa que a família necessita de manter algum nível de estabilidade e de mudança, sendo que a capacidade de mudar, quando apropriado, é o que distingue as famílias funcionais das disfuncionais. A flexibilidade apresenta os seguintes quatro níveis: rígido (muito baixo), estruturado (baixo a moderado), flexível (moderado a alto) e caótico (muito alto) (Olson, 2000; Wilde, 2018). Considera-se que sistemas familiares equilibrados (estruturados e flexíveis) são capazes de oscilar entre mudança e estabilidade de forma mais funcional e, por outro lado, os extremos (rígidos e caóticos) são mais problemáticos para as famílias (Olson, 2000; Rebelo, 2008).

A coesão é caracterizada pelo vínculo emocional que existe entre os membros de uma família (Olson, 2000). O foco da coesão direciona-se para a forma como os sistemas familiares equilibram a sua “separação” versus “união”, a proximidade emocional, a lealdade, as atividades “compartilhadas” versus “não compartilhadas” e “dependência” versus “independência” (Olson, 2000; Olson et al., 2010). Esta dimensão é determinada por limites, ligação emocional, alianças, tempo, espaço, amigos, tomadas de decisão, interesses e momentos de lazer (Olson, 2000). Segundo Olson, existem quatro níveis

de coesão: desligado (muito baixo), separado (baixo a moderado), conectado (moderado a alto) e emaranhado (muito alto) (Olson, 2000; Rebelo, 2008; Wilde, 2018). O funcionamento familiar ideal é associado aos dois níveis intermédios ou equilibrados (algo conectados e conectados), uma vez que os membros vivenciam a independência e a conectividade à família, simultaneamente, sendo que ainda são capazes de experimentar e equilibrar os dois extremos, numa situação de stresse. Por outro lado, os extremos ou desequilibrados (desligada ou emaranhada) são assumidos como problemáticos para os relacionamentos familiares a longo prazo. Em famílias onde os níveis de coesão são muito altos (emaranhada), existe demasiado consenso dentro das mesmas e falta de independência dos membros. Quando o nível de coesão está no outro extremo mais baixo (desligada), a ligação ou o compromisso relativamente à família é limitada, existindo uma grande independência dos membros da família, fazendo as suas atividades de forma isolada (Olson, 2000; Rebelo, 2008; Wilde, 2018)

Destas duas dimensões, resultam dois conjuntos de quatro níveis que, por sua vez, formam uma grelha de dezasseis tipos de família (anexo 1). Como quatro tipos de famílias centrais temos a “estruturalmente conectada”, a “estruturalmente coesa”, a “conectada de forma flexível” e a “flexibilidade coesa” que são consideradas equilibradas. No entanto, existem também tipos de famílias consideradas desequilibradas que se localizam nos quatro extremos, incluindo a “caoticamente desligada”, a “rígida desligada”, a “caoticamente emaranhada” e a “emaranhada rigidamente”. Os restantes oito tipos de famílias são intermédios, ou seja, nem desequilibrados nem equilibrados (Wilde, 2018). Tal como em cada dimensão, os tipos de famílias equilibrados tendem a ser mais funcionais comparativamente a sistemas desequilibrados, que são mais propensos a sofrer disfunção. No entanto, determinados estádios do ciclo de vida ou momentos de stresse podem exigir a necessidade de comportamentos extremos, contudo estas exigências podem ser problemáticas quando as famílias estão estagnadas nos extremos (Olson, 2000).

É possível avaliar a flexibilidade e a coesão para o Modelo Circumplexo através de dois instrumentos de avaliação validados e confiáveis: as escalas de avaliação de adaptabilidade e coesão da família, quarta edição (FACES IV) e a escala de classificação clínica (CRS) (Olson, 2011; Wilde, 2018).

O Modelo Circumplexo tem ainda um terceiro conceito, a comunicação. Esta dimensão é considerada facilitadora, pois permite o movimento entre as outras duas dimensões, possibilitando a resolução de problemas em qualquer uma delas. Por conter esta característica como facilitadora, a comunicação não é incluída graficamente no modelo, juntamente com a coesão e a flexibilidade (Olson, 2000, 2011; Wilde, 2018). A

comunicação entre a família é avaliada tendo em conta a sua prestação como grupo relativamente às capacidades de escuta, capacidades de fala, quantidade de autorrevelação, clareza das mensagens, frequência de permanência no tópico, quantidade e continuidade de respeito e consideração pelos membros da família (Olson et al., 2010; Wilde, 2018). Deste modo, constatou-se que sistemas equilibrados tendem a ter uma comunicação mais positiva do que os sistemas desequilibrados. As capacidades positivas de comunicação permitem que a família seja capaz de manter um equilíbrio nas duas dimensões, ao contrário de uma fraca comunicação nos sistemas desequilibrados que impede o movimento entre as dimensões, fortalecendo a hipótese destes permanecerem nos extremos. Para além disso, as capacidades de comunicação podem ser uma ferramenta para ajudar na conscientização sobre as necessidades e preferências atuais do sistema familiar (Olson, 2000).

O Modelo Circumplexo é ainda sensível à diversidade étnica e cultural, uma vez que tem em consideração as expectativas de famílias que apoiam padrões mais extremos e que se desenvolvem de forma funcional desde que todos os membros do sistema familiar estejam satisfeitos. Famílias que pertencem a um grupo étnico específico (como hispânico, sudeste asiático) ou a um grupo religioso (como por exemplo Amish, Mórmon) que têm expectativas normativas que apoiam comportamentos extremos em ambas as dimensões, são exemplo de tipos de sistemas familiares desequilibrados que não são necessariamente disfuncionais (Olson, 2000). Neste sentido, avaliar a satisfação torna-se essencial, devendo ser feita para cada membro da família. Com base no Modelo Circumplexo, foi desenvolvida uma Escala de Satisfação Familiar para esse fim (Olson, 2000).

Com toda esta informação, é possível destacar o poder que o Modelo Circumplexo tem na distinção do tipo de famílias, bem como na identificação de quais são problemáticos, permitindo, assim, dar ferramentas para ajudar os sistemas a encontrar a sua funcionalidade (Olson, 2000).

Capítulo 3: Objetivos do estudo

Face ao anteriormente exposto, este estudo teve como objetivo geral analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em crianças em idade pré-escolar em famílias com um único filho. Especificamente, pretendeu-se:

- Avaliar as competências linguísticas de crianças de idade pré-escolar.
- Avaliar o funcionamento familiar em famílias com filho único.
- Analisar a relação entre o funcionamento familiar e as competências linguísticas de crianças em idade pré-escolar, em famílias com filho único.

Capítulo 4: Estudo Empírico

4.1 Desenho do estudo

Este estudo é do tipo transversal e descritivo correlacional, visto que se pretende compreender se existe relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento linguístico da criança, num só determinado momento. Para além disso, a abordagem é quantitativa, uma vez que envolve a recolha de dados quantificáveis, observáveis e objetivos (Fortin, Côté, & Filion, 2009).

4.2 Participantes

A amostra deste estudo foi selecionada através de critérios de inclusão e de exclusão, quer para a criança, quer para a família. Relativamente à criança, foram definidos os seguintes critérios de inclusão: 1) pertencer a uma família constituída por pai, mãe e filho único, 2) pertencer à faixa etária [3A0M;5A11M], 3) ter o português europeu como língua materna, 4) ausência de diagnóstico de qualquer perturbação de linguagem. Por outro lado, como critério de exclusão, a criança não pode ter passado por um processo adotivo. No que diz respeito à família, também foram estabelecidos critérios de inclusão, nomeadamente: 1) ser constituída por casal e filho único, 2) ter o português europeu como língua materna, 3) ter capacidade de compreender o estudo e aceitar participar voluntariamente. Quanto aos critérios de exclusão, determinaram-se os seguintes: 1) um membro da família apresentar uma patologia ou condições psiquiátrica grave e 2) um dos progenitores ter, em algum momento da sua vida, o diagnóstico de perturbação de linguagem. Tendo em conta os critérios definidos, recorreu-se ao método de amostragem não probabilístico por conveniência, bem como bola de neve (Freitag, 2018).

4.3 Procedimentos de recolha de dados e Considerações éticas

Inicialmente foi solicitada uma aprovação ética à Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA:E), tendo sido obtido um parecer favorável, com a referência n.º: 697_07-2020.

Antes de qualquer recolha de dados, entre julho e outubro de 2020, foi realizado um pedido de autorização formal às Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSSs) com resposta de pré-escolar, no qual se deu a conhecer o estudo, os objetivos, a população alvo, todos os procedimentos necessários para a sua execução e a

confidencialidade inerente aos dados recolhidos, que pode ser consultado no presente *Apêndice 1*. Nas instituições que autorizaram a recolha presencial, pediu-se aos educadores de infância para mediar o contacto entre a investigadora e pais de crianças que preenchessem os critérios de inclusão/exclusão. Nos locais onde não foi permitida a entrada nas instalações, solicitou-se a mediação para o contacto com os pais. Foram contactadas 1059 instituições das quais apenas 82 colaboraram no estudo. Este estudo insere-se num projeto mais alargado para diferentes configurações familiares, logo os contactos foram efetuados no âmbito desse projeto. Para além disso, devido ao agravamento da situação pandémica por COVID-19 que causou restrições nas participações das instituições, recorreu-se à divulgação do pedido para a participação no estudo nas redes sociais.

Após a identificação das crianças e famílias, os pais foram contactados, sendo solicitado o consentimento livre e informado por escrito a cada cuidador das crianças, fornecendo mais uma vez a informação sobre o estudo e os direitos dos participantes, que pode ser consultado no *Apêndice 2*, mostrando-se disponibilidade para esclarecer questões que surgissem.

A amostra deste estudo foi recolhida em jardins de infância pertencentes a IPSSs e diretamente em articulação com as famílias de diversas localidades dos distritos de Coimbra, de Aveiro, de Viseu, do Porto, de Lisboa, de Leiria e de Castelo Branco.

Entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, foram enviados aos pais, em formato digital, os Questionários Sociodemográficos acompanhados pela escala de funcionamento familiar, FACE IV.

No mesmo período, realizou-se uma avaliação uniforme para todas as crianças, presencialmente e online, através da aplicação das provas de semântica e de morfossintaxe do TL-ALPE para avaliar as competências de cada criança e verificar a sua cotação estandardizada, bem como o seu percentil e o desvio padrão da média.

Cumpriram-se os aspetos referidos no artigo 8º do Código Ético e Deontológico do terapeuta da fala, que diz respeito às diretivas éticas para a investigação: pedido do consentimento livre e informado, alto nível ético e o bem-estar do paciente não dever ser afetado, não violar o direito do paciente ao sigilo profissional, direito de interromper a sua participação na investigação e utilização de informações clínicas apenas com acordo prévio do paciente e da autoridade responsável pelo processo.

Após a recolha de todos os dados, procedeu-se à análise destes.

4.4 Instrumentos da recolha de dados

Para a recolha de dados, foi construído e entregue o Questionário Sociodemográfico com o objetivo de obter um conjunto de informação no âmbito da caracterização da amostra. Para além disso, foi aplicada a escala de funcionamento familiar FACE IV traduzida para português europeu e o Teste de Linguagem – Avaliação de Linguagem Pré-escolar, atendendo aos objetivos da investigação.

4.4.1 FACES IV

A *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACE IV) é a última versão de uma escala de avaliação da flexibilidade e da coesão familiar, que são duas dimensões centrais do Modelo Circumplexo. A escala foi desenvolvida de forma a abranger níveis equilibrados e desequilibrados de sistemas familiares. A avaliação é realizada através de autorrelato, por um ou mais membros da família. A FACE IV apresenta seis escalas com fiabilidade e validade (Olson, 2000, 2011).

O desenvolvimento da FACE IV teve como objetivos: desenvolver escalas de autorrelato que explorem todas as dimensões (equilíbrio e desequilíbrio); desenvolver escalas de autorrelato confiáveis, válidas e clinicamente relevantes; e desenvolver um instrumento de avaliação de sistemas familiares que seja útil para pesquisar trabalho clínico com as famílias (Olson, 2011).

A versão FACES IV é composta por sessenta e dois itens, duas subescalas equilibradas e quatro subescalas desequilibradas: cada uma das subescalas equilibradas coesão e flexibilidade, e das subescalas desequilibradas desligada (“*disengaged*”), emaranhada (“*enmeshed*”), caótica (“*chaotic*”) e rígida (“*rigid*”) contêm sete itens; as subescalas comunicação e satisfação incluem, cada uma, dez itens (Olson, 2011).

Para obter os resultados da escala deve somar-se os valores das respostas de cada item pertencentes às subescalas e, para a conversão dos valores brutos em percentuais, é necessário utilizar a tabela constante no Anexo 2. Posteriormente, é possível ainda apurar os rácios da Coesão, da Flexibilidade e do Total da escala FACES IV, recorrendo às seguintes fórmulas (Rebelo, 2008):

Rácio de Coesão = Coesão equilibrada / (desligada+emaranhada/2)

Rácio de Flexibilidade = Flexibilidade equilibrada / (rígida+caótica/2)

Rácio Total Circumplexo = Rácio da Coesão + Rácio da Flexibilidade / 2.

A partir destes rácios é possível verificar a coesão, a flexibilidade e o funcionamento familiar (*Anexo 4*). “Quanto mais os valores do rácio se distanciam positivamente do 1, mais equilibrado é o sistema. Contrariamente, quanto mais os valores do rácio se distanciam negativamente do 1, mais desequilibrado é o sistema.” Relativamente ao rácio total circunplexo, quanto mais elevado é o valor do rácio, mais equilibrado é o sistema familiar (Rebelo, 2008).

Para este estudo, os resultados foram obtidos através do primeiro procedimento com a soma dos valores das respostas.

No presente estudo, foi calculada a consistência interna de cada subescala da FACES IV. A coesão equilibrada apresenta um valor de Alfa de Cronbach de 0,724, a flexibilidade equilibrada de 0,608, a desligada de 0,797, a emaranhada de 0,447, a rígida de 0,600, a caótica de 0,755, a comunicação de 0,919 e a satisfação de 0,942.

Baseado nas seis escalas da FACES IV, foi desenvolvido um sistema de cotação de perfil (*Anexos 5 e 6*) que, através do seu preenchimento, permite que as cotações das escalas sejam interpretadas de forma isolada dos diversos aspetos do funcionamento familiar. Este sistema de cotação de perfil permite que exista uma avaliação mais compreensiva e detalhada do funcionamento familiar em comparação com versões anteriores das escalas de coesão e de flexibilidade do instrumento FACES (Rebelo, 2008).

A FACES IV é muitas vezes utilizada para fornecer informações de como o sistema familiar funciona e ajudar o terapeuta ou psicólogo a desenvolver o plano de intervenção através da utilização de métodos disciplinares positivos e desenvolvimento de competências comunicativas de forma a melhorar a coesão, a flexibilidade e, conseqüentemente, a satisfação familiar. Posteriormente, pode ainda permitir monitorizar e verificar a evolução (Carvalho et al., 2018; Olson, 2011). Além disso, é muitas vezes utilizada como recurso de diversos estudos, tal como no presente trabalho.

4.4.2 TL-ALPE

O Teste de Linguagem – Avaliação de Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE) pretende avaliar formalmente as competências de compreensão auditiva e de expressão verbal oral, nos domínios semântico e morfossintático, e a metalinguagem, nos domínios semântico, morfossintático e fonológico, em crianças dos 3 anos e 0 meses aos 5 anos e 12 meses, com o Português Europeu (PE) como língua materna (Mendes, Afonso, Lousada, & Andrade, 2014).

Apresenta dados normativos obtidos em 817 crianças em idade pré-escolar, quer do sexo masculino, quer feminino. O teste contém uma tabela de cotação estandardizada que possibilita a comparação com a cotação obtida pela criança, existindo resultados que são considerados dentro dos limites da variação normal. Através destes dados é possível verificar se os resultados da criança avaliada se situam acima ou abaixo do intervalo, traduzindo-se num desempenho acima ou abaixo da média, respetivamente. Para além disso, neste estudo, as crianças com mais do que 1,5 desvio padrão abaixo da média são excluídas. A cotação do teste é realizada através do somatório da cotação obtida nos vários subtestes (Mendes et al., 2014).

Relativamente aos subtestes, no domínio da semântica, são avaliadas as competências de nomeação e identificação de imagens de várias categorias, de imagens de ações, de objetos por associação à função, de locativos, evocação de palavras pela categoria semântica, nomeação e identificação de categorias, e evocação de antónimos. Quanto ao domínio da morfossintaxe, avalia-se a compreensão e a produção de frases simples e complexas, concordância de número e de género e uso de pronomes possessivos. Por fim, no domínio da metalinguagem, são avaliadas a consciência semântica, morfossintática e fonológica (Mendes et al., 2014).

O TL-ALPE é um instrumento de avaliação que contém validade (de conteúdo, de construto e concorrente) e fiabilidade (através da consistência interna e acordo intra e inter-examinador) (Mendes et al., 2014).

Neste estudo, de forma a verificar o desempenho das crianças, foram aplicados os subtestes dos domínios semântico e morfossintático.

4.5 Procedimentos de análise de dados

Após a recolha de dados, procedeu-se a análise estatística descritiva e inferencial, através do software estatístico *IBM SPSS Statistics* – versão 24.

Recorreu-se à análise estatística descritiva para caracterizar a amostra, descrever as informações recolhidas através do questionário sociodemográfico e dos resultados da escala FACES IV, bem como do TL-ALPE.

Foi também verificada a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas através do Teste U de Mann Whitney entre as cotações do TL-ALPE (EVO e CA) e as dimensões da FACES IV. De forma a completar a informação, analisou-se o tamanho do efeito dos resultados obtidos com o Teste U de Mann Whitney. O nível de significância usado como referência foi de $\alpha = 0.05$.

Capítulo 5: Resultados

A partir dos resultados do questionário sociodemográfico, verificou-se que das 44 famílias participantes, 26 (59,1%) crianças são do sexo feminino e 18 (40,9%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 36 e os 61 meses, resultando numa média $51 \pm 9,3$ meses, isto é, 4 anos e 3 meses (Tabela 1). Relativamente à família, 42 (95,5%) mães e 2 (4,5%) pais participaram no estudo, com idades compreendidas entre os 23 e os 39, bem como uma média aproximadamente de $36 \pm 3,7$ anos, no momento de resposta. Quarenta e duas (95,5%) famílias apresentava uma estrutura familiar com dois pais biológicos e 2 (4,5%) com um pai biológico e um padrasto. Para o estado civil atual, 23 (52,3%) responderam que estão casados e 21 (47,7%) em união de facto. Quanto à localização das famílias, a maior percentagem ($n=21; 47,7\%$) pertenciam ao distrito de Aveiro, seguindo-se de Lisboa e Porto com 15,9 % cada uma ($n=7$).

Em relação às habilitações literárias dos respondentes verificou-se que a maioria ($n=35; 79,5\%$) possuiu qualificações ao nível do ensino superior. Relativamente à ocupação habitual, a grande maioria ($n=41; 93,2\%$) tem trabalho remunerado.

Tabela 1: Caracterização da Amostra (Dados Sociodemográficos)

Características	Famílias (n=44)
Género da Criança, n (%)	
Feminino	26 (59,1)
Masculino	18 (40,9)
Idade da Criança (meses), $M \pm DP$ [min-max]	$51 \pm 9,3$ [36-71]
Género do familiar, n (%)	
Feminino (mãe)	42 (95,5)
Masculino (pai)	2 (4,5)
Idade do familiar (anos), $M \pm DP$ [min-max]	$36 \pm 3,7$ [23-39]
Estrutura Familiar, n (%)	
Dois pais biológicos	42 (95,5)
Pai biológico e um padrasto	2 (4,5)
Estado Civil Atual, n (%)	
Casados	23 (52,3)
União de facto	21 (47,7)

Localização das famílias, n (%)	
Aveiro	21 (47,7)
Lisboa	7 (15,9)
Porto	7 (15,9)
Coimbra	3 (6,8)
Viseu	3 (6,8)
Braga	1 (2,3)
Castelo Branco	1 (2,3)
Leiria	1 (2,3)
Habilitações literárias, n (%)	
Até ao 3º ciclo de ensino básico (9º ano)	2 (4,5)
Curso Médio	2 (4,5)
Ensino Secundário (12º ano)	5 (11,4)
Ensino Superior	35 (79,5)
Ocupação Habitual, n (%)	
Trabalho remunerado	41 (93,2)
Estudantes	2 (2)
Desempregada	1 (2,3)

n= número de participantes; M= média; DP= desvio padrão; min= valor mínimo; máx= valor máximo

Relativamente à escala de funcionamento familiar FACES IV, obteve-se uma média no âmbito da Coesão Equilibrada de $30,5 \pm 3,1$, com famílias a variar do nível conectadas ($n=12$; 27,3%) ao muito conectadas ($n=32$; 72,7%). Para a Flexibilidade Equilibrada verificou-se uma pontuação média global de $28,4 \pm 2,9$, com famílias a variar do nível flexível ($n=23$; 52,3%) ao muito flexível ($n=21$; 47,7%) (Tabela 2).

No que diz respeito às pontuações nas escalas desequilibradas, observou-se para a subescala Desligada um resultado médio de $12,9 \pm 3,9$, sendo que a maioria se encontra no nível muito baixo ($n=39$; 88,6%). A subescala Emaranhada apresentou uma média de $16,7 \pm 3,5$, tendo uma maior frequência entre os níveis muito baixo ($n=23$; 52,3%) e baixo ($n=17$; 38,6%). Constatou-se que a pontuação média da subescala Rigidez é $18,8 \pm 3,5$, destacando-se a percentagem mais elevada no nível baixo ($n=21$; 47,7%), seguindo-se dos níveis muito baixo ($n=12$; 27,3%) e moderado ($n=10$, 22,7%). Por fim, a subescala Caótica apresentou uma pontuação média de $15,1 \pm 3,9$, com maior frequência para o nível muito baixo ($n=28$; 63,6%), seguida pelo baixo ($n=14$; 31,8%).

Tabela 2: FACES-IV: Análise das Escalas Equilibradas e Desequilibradas de Coesão e de Flexibilidade Familiar

Subescalas	Níveis	n (%)	M±DP
Coesão Equilibrada	Conectada	12 (27,3)	30,5±3,1
	Muito Conectada	32 (72,7)	
Flexibilidade Equilibrada	Flexível	23 (52,3)	28,4±2,9
	Muito Flexível	21 (47,7)	
Desligada	Muito baixo	39 (88,6)	12,9±3,9
	Baixo	3 (6,8)	
	Moderado	1 (2,3)	
	Alto	1 (2,3)	
Emaranhada	Muito baixo	23 (52,3)	16,7±3,5
	Baixo	17 (38,6)	
	Moderado	3 (6,8)	
	Alto	1 (2,3)	
Rígida	Muito baixo	12 (27,3)	18,8±3,5
	Baixo	21 (47,7)	
	Moderado	10 (22,7)	
	Alto	1 (2,3)	
Caótica	Muito baixo	28 (63,6)	15,1±3,9
	Baixo	14 (31,8)	
	Moderado	1 (2,3)	
	Alto	1 (2,3)	

M= média; DP= desvio padrão

Quanto aos níveis de dimensão, que abrange quer os equilibrados, quer os desequilibrados, foi possível constatar que as famílias envolvidas no estudo são consideradas equilibradas, encontrando-se maioritariamente nos níveis centrais, isto é conectada (15,9%) e muito conectada (52,3%) no que diz respeito à Coesão e nos níveis flexível (63,6%) e muito flexível (34,1%) para a Flexibilidade, representados na Tabela 3.

Tabela 3: Níveis de Dimensão da Coesão e da Flexibilidade Familiar

Subescalas	Níveis	n (%)
Coesão	Conectada	7 (15,9)
	Muito Conectada	23 (52,3)
	Emaranhada	14 (31,8)
Flexibilidade	Flexível	28 (63,6)
	Muito Flexível	15 (34,1)
	Caótica	1 (2,3)

Finalmente, para a Comunicação verificou-se uma pontuação média de $40,9 \pm 5,8$ ($n=44$), distribuindo-se por cinco níveis, sendo que 59,1% dos participantes se situam no nível alto ($n=26$), 27,3% no muito alto ($n=12$), 9,1% no moderado ($n=4$) e 2,3% para baixo e muito baixo ($n=1$). A pontuação média da variável Satisfação é $38,0 \pm 6,8$, resultando em 31,6% no nível alto ($n=14$), 25,0% nos níveis moderado e baixo ($n=11$), correspondendo as percentagens mais baixas aos níveis de extremos, isto é, 13,6% no muito alto ($n=6$) e 4,5% no muito baixo ($n=2$) (Tabela 4).

Tabela 4: FACES-IV: Análise das Escalas de Comunicação e de Satisfação Familiar

Subescalas	Níveis	n (%)	M \pm DP
Comunicação	Muito baixo	1 (2,3)	40,9 \pm 5,8
	Baixo	1 (2,3)	
	Moderado	4 (9,1)	
	Alto	26 (59,1)	
	Muito alto	12 (27,3)	
Satisfação	Muito baixo	2 (4,5)	38,0 \pm 6,8
	Baixo	11 (25,0)	
	Moderado	11 (25,0)	
	Alto	14 (31,6)	
	Muito alto	6 (13,6)	

Quanto aos resultados do TL-ALPE, na Tabela 5 (Cotações do TL-ALPE), é possível observá-los dividindo-os em quatro valores: cotação estandardizada da expressão

verbal oral (EVO), cotação standardizada da compreensão auditiva (CA), cotação total do domínio semântico e cotação total do domínio morfossintático.

A cotação standardizada da EVO apresentou um valor médio de $101,2 \pm 14,3$ [Min=70; Máx=131]. Quanto à cotação standardizada da CA observou-se uma média de $107,4 \pm 13,7$ [Min=69; Máx=129]. Para além disso, constatou-se que a média da cotação total do domínio semântico foi $61,5 \pm 6,5$ [Min=47; Máx=73]. Na cotação total do domínio morfossintático, a média foi de $29,7 \pm 8,0$ [Min=13; Máx=42], como se pode verificar na Tabela 5.

Tabela 5: Cotações TL-ALPE

	M \pm DP	Cotação mínima	Cotação máxima
Cotação standardizada da EVO	$101,2 \pm 14,3$	70	131
Cotação standardizada da CA	$107,4 \pm 13,7$	69	129
Total do domínio semântico	$61,5 \pm 6,5$	47	73
Total do domínio morfossintático	$29,7 \pm 8,0$	13	42

M= média; DP= desvio padrão

Foi ainda analisada a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões da FACES IV e as duas dimensões do TL-ALPE (EVO e CA). Verificou-se uma tendência para a diferença com significado estatístico entre a dimensão Emaranhada e a EVO ($U=161.500$; $p=0.095$), ou seja, crianças em famílias com um nível de emaranhamento mais reduzido tendem a pontuar mais elevado na EVO. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre o TL e as restantes dimensões da FACES-IV.

Com o objetivo de complementar os resultados das diferenças entre os grupos, foi calculado o tamanho do efeito (effect size), verificando-se um tamanho de efeito médio entre a EVO e a subescala Emaranhada (d Cohen de 0,526), a EVO e a Comunicação (d Cohen de 0,472), a EVO e a Coesão (d Cohen de 0,439), refletindo a força do relacionamento entre estas variáveis. Estes resultados, reforçam que em famílias com um nível de emaranhamento mais reduzido, as crianças têm resultados mais altos na EVO. Para além disso, demonstram que existe uma tendência para as crianças

pontuarem mais alto quando inseridas numa família com um nível de comunicação e de coesão mais elevado.

Capítulo 6: Discussão

Este estudo teve como objetivo geral analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em famílias com um único filho.

Os principais resultados indicam que, na sua maioria, as famílias apresentam um funcionamento equilibrado e as crianças um desenvolvimento linguístico dentro dos valores esperados para a sua faixa etária. De facto, embora o estudo não permita inferir uma relação causal entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem, estudos prévios já evidenciaram que as crianças podem crescer e evoluir em estruturas familiares que são estáveis e estimuladoras, ou seja, funcionais de uma forma equilibrada (Walsh, 2016).

Na escala FACES IV, uma família com um funcionamento equilibrado localiza-se nos níveis centrais das subescalas ao invés dos extremos (Olson, 2010). Nos resultados deste estudo, verifica-se uma maior percentagem de famílias nos níveis centrais (“conectada” e “muito conectada”, “flexível” e “muito flexível”), podendo concluir-se que estas se consideram equilibradas (Olson, 2000; Rebelo, 2008).

Consegue-se aferir também que as famílias envolvidas no estudo apresentam uma comunicação positiva, tendo uma maior percentagem no nível alto (59,1%) e muito alto (27,3%). Estes resultados estão em linha com os estudos de Olson (2000), segundo os quais sistemas familiares equilibrados tendem a ter uma melhor comunicação do que os sistemas desequilibrados. De forma a reforçar o funcionamento equilibrado, as famílias participantes demonstraram ainda satisfação quanto ao seu funcionamento, verificando-se uma maior percentagem no nível alto (31,6%).

Paralelamente, as cotações médias do TL-ALPE representam um bom desempenho no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem das crianças avaliadas (para a EVO $101,2 \pm 14,3$ e para a CA $107,4 \pm 13,7$).

Estes resultados positivos, quer das subescalas da FACES IV, quer do TL-ALPE, poderão sugerir a existência de relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem nas crianças. Tal como refere Carvalho et al. (2018), o funcionamento da família tem efeitos na identidade de uma pessoa, bem como no seu desenvolvimento.

Embora não se tenham verificado diferenças estatisticamente significativas entre as subescalas da FACES-IV e o TL-ALPE, observou-se, contudo, uma tendência de relação entre a EVO e as dimensões Emaranhada, Comunicação e Coesão, ou seja, crianças pertencentes a famílias com um nível de emaranhamento mais reduzido, uma

comunicação e coesão mais elevadas parecem demonstrar um melhor desenvolvimento de linguagem, relativamente à EVO.

Será importante ressaltar que a ausência de resultados estatisticamente significativos pode dever-se ao facto da consistência interna da FACES IV ter apresentado valores fracos a razoáveis em algumas dimensões, que poderá significar que as respostas à escala de funcionamento familiar dentro do mesmo grupo tem uma variabilidade maior, ou seja, poderá indicar que foram dadas respostas aleatórias, sem coerência entre si. Por outro lado, poderá ainda refletir que existe uma variabilidade menor nas respostas entre sujeitos de diferentes grupos, aproximando-os e traduzindo-se, neste caso, por famílias com um funcionamento semelhante, tendo a maioria um funcionamento equilibrado (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Estes aspetos foram provavelmente consequência dos procedimentos de recolha de dados, que sofreram alterações para o formato online, podendo ter enviesado os dados.

O estudo tem algumas limitações que poderão ajudar a compreender melhor os resultados. Durante o estudo, instalou-se uma pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19) que exigiu um reajuste nos procedimentos de recolha de dados, sendo substituído o método presencial em IPSSs pelo recurso de uma plataforma online. Esta recolha de dados à distância, através da plataforma Zoom, poderá ter enviesado os resultados do TL-ALPE por existir um menor controlo do ambiente por parte do investigador. Para além disso, prejudicou o tamanho da amostra e a relação dos constructos com o tipo de família, resultando em famílias maioritariamente com um funcionamento equilibrado que se conseguem organizar de forma a participar no tipo de recolha (online), podendo ter criado alguma seletividade.

Contudo, a escassez de informação sobre a relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem na criança reflete a importância de explorar e realizar mais estudos nesta área. Em estudos futuros seria pertinente realizar um estudo longitudinal e incluir crianças com Perturbação de Linguagem. Poderá ainda caracterizar-se o tipo de famílias opostas às participantes neste estudo (recorrendo ao critério de inclusão de “famílias desequilibradas”), fazendo a recolha nas instituições de forma a abranger todo o tipo de famílias (por exemplo, caóticas), pois através do procedimento que foi realizado neste estudo, participaram famílias disponíveis e organizadas para conseguir colaborar. Além disso, será interessante analisar o papel moderador e/ou mediador do estilo parental e da vinculação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento de linguagem. Sabe-se a influência que o estilo parental e a vinculação têm no desenvolvimento de linguagem e este estudo sugere alguma relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento linguístico.

Capítulo 7: Conclusões

A realização deste estudo permitiu explorar mais um fator, o funcionamento familiar, que pode influenciar o desenvolvimento linguístico nas crianças. Conseqüentemente, o presente estudo desperta para a importância do papel da família durante o processo de intervenção em Terapia da Fala, no sentido de uma intervenção mais centrada na família.

Os principais resultados mostraram que as famílias participantes são majoritariamente de funcionamento equilibrado e que as crianças apresentam um bom desenvolvimento da linguagem. Sugerem também uma tendência de relação entre algumas dimensões do funcionamento familiar, mais especificamente o emaranhamento, a coesão e a comunicação, e as competências linguísticas de crianças em idade pré-escolar, concretamente na expressão verbal oral, em famílias com filho único. No entanto, há necessidade de estudos com amostras mais alargadas e com outras tipologias de famílias de acordo com o Modelo Circumplexo para se verificar a extensão desta tendência de resultados.

Em jeito de conclusão, Walsh (2016, p.315) afirmou que “crises sérias e desafios persistentes da vida têm um impacto em toda a família e, por sua vez, os principais processos familiares mediam a adaptação (ou má adaptação) de todos os membros individuais de seus relacionamentos e da unidade familiar”. Um indivíduo não é um ser só, sendo por isso importante perceber o funcionamento familiar das famílias para proporcionar às crianças um desenvolvimento linguístico adequado e uma intervenção terapêutica de sucesso.

Referências Bibliográficas

- Afonso, C. M., Freitas, M. J., & Alves, D. (2009). Complexidade prosódica e segmentação de palavras em crianças dos 4 aos 6 anos de idade. *Cadernos de Saúde*, 2(2), 31–41. Retrieved from <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9874>
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Almeida, B. (2014). *Interações fraternais em famílias de crianças e adolescentes com síndrome de Down*. (Universidade Federal de Juiz de Fora). Retrieved from <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/795/1/brunarochedealmeida.pdf>
- Andraca, I., Pino, P., Parra, A. La, & Rivera, F. (1998). Factores de riesgo para el desarrollo psicomotor en lactantes nacidos en óptimas condiciones biológicas. *Revista de Saúde Pública*, 32(2), 138–147. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101998000200006&script=sci_arttext
- ASHA. (1982). Languagem [Relevant Paper]. <https://doi.org/10.1044/policy.RP1982-00125>
- Associação Comunitária Monte Azul, & UNICEF. (2003). *Toda hora é hora de cuidar: manual de apoio*. São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde.
- Cachapuz, R. F. (2006). A influência das variáveis ambientais no desenvolvimento da linguagem em uma amostra de crianças. *Revista Da AMRIGS*, 50(4), 292–301. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/4866/98dec0c141b060fb8bff7e0da5d995ff7578.pdf>
- Cadório, I. (2013). *Análise Do Desenvolvimento Linguístico De Crianças em Idade Escolar*. (Universidade de Aveiro). Retrieved from <https://core.ac.uk/download/pdf/32242524.pdf>
- Caldas, I., Garotti, M., Chermont, A., & Dos Santos, A. (2016). Fatores de risco e desenvolvimento sociocomunicativo em prematuros. *Revista Psicologia - Teoria e Prática*, 18(2), 129–141. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v18n2p129-141>
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 32(4), 393–406. Retrieved from http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312013000400006&script=sci_arttext&tlng=es

- Carvalho, A., Lemos, S., & Goulart, L. (2016). Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS*, 28(4), 470–479. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-17822016000400470&script=sci_arttext&tlng=pt
- Carvalho, J., Fernandes, O., & Relva, I. (2018). Family Functioning and Its Relation to Parental Discipline. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 35(1), 31–44. <https://doi.org/10.1007/s10560-017-0501-9>
- Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2017). ICTs and Family Functioning: A Study on Portuguese Families with Adolescents and Emerging Adults. *Contemporary Family Therapy*, 39(4), 281–288. <https://doi.org/10.1007/s10591-017-9436-8>
- Carvalho, M., & Silva, B. (2014). Estilos Parentais: Um Estudo de Revisão Bibliográfica. *Revista Psicologia Em Foco*, 6(8), 22–42. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/02f8/ae670223dd8c2d1584e1020312e16c5c348a.pdf>
- Castro, E. K. D., & Piccinini, C. A. (2002). Implicações da doença orgânica crônica na infância para as relações familiares: algumas questões teóricas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 625–635. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722002000300016&script=sci_arttext
- Domingues, D. (2013). *Perfil Fonológico de Crianças com Perturbação de Linguagem Primária*. Universidade de Aveiro.
- Fish, M., & Pinkerman, B. (2003). Language skills in low-SES rural Appalachian children: Normative development and individual differences, infancy to preschool. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 23(5), 539–565. Retrieved from <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0193397302001417>
- Flax, J. F., Realpe-Bonilla, T., Hirsch, L. S., Brzustowicz, L. M., Bartlett, C. W., & Tallal, P. (2003). Specific Language Impairment in Families. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 46(3), 530–543.
- Fortin, M., Côté, J., & Fillion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta – Soc. Port. de Material Didáctico, Lda.
- Freitag, R. (2018). Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista de Estudos Da Linguagem*, 26(2), 667–686. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686>

- Freitas, A., & Piccinini, C. (2010). Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogênito. *Estudos de Psicologia*, 27(4), 515–528. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000400009&script=sci_arttext
- Gilger, J. W., Ho, H. Z., Whipple, A. D., & Spitz, R. (2001). Genotype-environment correlations for language-related abilities: Implications for typical and atypical learners. *Journal of Learning Disabilities*, 34(6), 492–502. <https://doi.org/10.1177/002221940103400602>
- Gurgel, L. G., Vidor, D. C. G. M., Joly, M. C. R. A., & Reppold, C. T. (2014). Fatores de risco para o desenvolvimento adequado da linguagem oral em crianças: uma revisão sistemática da literatura. *CoDas*, 26(5), 350–356. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-17822014000500350&script=sci_arttext&lng=pt
- Hoff, E. (2003). The Specificity of Environmental Influence: Socioeconomic Status Affects Early Vocabulary Development Via Maternal Speech. *Child Development*, 74(5), 1368–1378. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00612>
- Hulle, C. A., Goldsmith, H. H., & Lemery, K. S. (2004). Genetic, environmental, and gender effects on individual differences in toddler expressive language. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 47(4), 904–912. Retrieved from <https://jshd.pubs.asha.org/doi/full/10.1044/1092-4388%282004/067%29>
- Johnston, J. (2010). Factors that influence language development. *Language Development and Literacy*, 11–15. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/d5bd/b0efad42bd32ad879a849ecad4d4b4f5bc3a.pdf>
- Locke, A., Ginsborg, J., & Peers, I. (2002). Development and disadvantage: Implications for the early years and beyond. *International Journal of Language and Communication Disorders*, 37(1), 3–15. <https://doi.org/10.1080/13682820110089911>
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90.
- McGoldrick, M., Preto, N., & Carter, B. (2016). *The Expanding Family Life Cycle: Individual, Family, and Social Perspectives* (5th Editio). Boston, MA: Pearson.
- Mellor, S. (1990). How Do Only Children Differ From Other Children? *Journal of Genetic Psychology*, 151(2), 221–230. <https://doi.org/10.1080/00221325.1990.9914656>

- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M., & Andrade, F. (2014). *Teste de Linguagem– Avaliação da Linguagem Pré-Escolar*. Aveiro: Edubox.
- Menezes, I. (1989). Desenvolvimento no contexto familiar. In Universidade Aberta (Ed.), *Psicologia do desenvolvimento e educação dos jovens*. (pp. 152–191). Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/91638>
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moghaddam, N. (2014). Applying family life cycle concepts in psychological practice with children and young people. *Applied Psychological Research Journal*, 1(2), 26–33. Retrieved from <http://eprints.lincoln.ac.uk/14758>
- Nunes, L., Goulart, W., & Mengarda, C. (2011). *O Processo de Socialização entre Crianças com Irmãos e sem Irmãos*. Retrieved from http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=987
- Olson, D. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144–167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. (2010). *Faces IV manual*. Minneapolis: Life Innovations.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64–80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D., DeFrain, J., & Skogrand, L. (2010). *Marriages and families: Intimacy, diversity, and strengths*. Nova Iorque: McGraw Hill.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2006). FACES IV & the Circumplex Model. In *Citeseer*. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.567.7299&rep=rep1&type=pdf>
- Pagliarin, K. C., Brancalioni, A. R., Keske-Soares, M., & Souza, A. P. R. de. (2011). Relação entre gravidade do desvio fonológico e fatores familiares. *Revista CEFAC*, 13(3), 414–427. <https://doi.org/10.1590/s1516-18462010005000066>
- Perdigão, A. (2014). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar: Desenvolvimento da Linguagem Oral e da Escrita Emergente*. (Universidade de Évora). Retrieved from <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12972>
- Qi, C. H., Kaiser, A. P., Milan, S. E., Yzquierdo, Z., & Hancock, T. (2003). The

- performance of low-income, African American children on the Preschool Language Scale—3. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, 46(3), 576–590. Retrieved from <https://jshd.pubs.asha.org/doi/full/10.1044/1092-4388%282003/046%29>
- Rebelo, J. M. C. (2008). *Relações familiares e toxicodependência* (Universidade de Coimbra). Retrieved from <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/11784/4/TESEJoanaMRebelo.pdf>
- Reynolds, M. E., & Fish, M. (2010). Language skills in low-SES rural Appalachian children: Kindergarten to middle childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 31(3), 238–248. Retrieved from <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0193397310000146>
- Rosa, S. D., Rossigalli, T. M., & Soares, C. M. (2010). Terapia Ocupacional e o contexto familiar. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 18(1), 7–17. Retrieved from <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/download/329/264>
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1992). *Terapia familiar*. (2ª Edição). Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, C. G. (2013). *Contextualizando os estilos parentais na idade pré-escolar: Variáveis individuais e familiares* (Universidade de Coimbra). Retrieved from <https://eg.uc.pt/handle/10316/24849>
- Siegel, J. (2016). A Journal of Family Social Work conversation with Monica McGoldrick, LCSW. *Journal of Family Social Work*, 19(1), 56–64. <https://doi.org/10.1080/10522158.2015.1133954>
- Silva, M. S. (2015). *Aquisição Fonético-Fonológica do português europeu dos 18 aos 36 meses*. (Universidade Nova de Lisboa). Retrieved from <https://run.unl.pt/handle/10362/15734>
- Silva, N., & Dessen, M. (2003). Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 503–514. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722003000300009&script=sci_arttext
- Silva, N., & Dessen, M. (2006). Padrões de interação genitores-crianças com e sem síndrome de Down. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 283–291. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000200015&script=sci_arttext

- Silva, Nara. (2007). *Contexto Familiar de Crianças com Síndrome de Down: Interação e Envolvimento Paterno e Materno*. Universidade Federal de São Carlos.
- Silva, P., & Fleith, D. (2008). A influência da família no desenvolvimento da superdotação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 337–346. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572008000200005&script=sci_arttext
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. (2017). Aquisição da linguagem: Um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento. In Language Science Press (Ed.), *Em Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.), Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. (pp. 3–31). Berlin.
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *INFANT MENTAL HEALTH JOURNAL*, 21(2), 67–74. Retrieved from [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/\(SICI\)1097-0355\(200001/04\)21:1/2%3C67::AID-IMHJ8%3E3.0.CO;2-2](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/(SICI)1097-0355(200001/04)21:1/2%3C67::AID-IMHJ8%3E3.0.CO;2-2)
- Stingelin, R. G., Robalinho, I. G. C., & Costa, F. P. (2015). Desenvolvimento do Filho Único: Fatores Familiares Associados. In *Família em Foco* (pp. 87–92). Retrieved from <https://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=2vZxDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA87&dq=DESENVOLVIMENTO+DO+FILHO+ÚNICO:+FATORES+FAMILIARES+ASSOCIADOS&ots=9redZgQPhy&sig=ONiPeHt5o07SJMytqoEPJHMjrjQs>
- Teixeira de Melo, A., & Alarcão, M. (2014). Beyond the family life cycle: Understanding family development in the twenty-first century through complexity theories. *Family Science*, 5(1), 52–59. <https://doi.org/10.1080/19424620.2014.933743>
- Valentini, F., & Alchieri, J. C. (2009). Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 2(2), 113–123. Retrieved from <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/4920>
- Walsh, F. (2016). Family resilience: a developmental systems framework. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(3), 313–324. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1154035>
- Wilde, J. (2018). The Circumplex Model of Marital and Family Systems. In J. Lebow, A. Chambers, & D. Breunlin (Eds.), *Encyclopedia of Couple and Family Therapy*. St. George, USA: Springer, Cham.

Wolkow, K. E., & Ferguson, H. B. (2001). Community factors in the development of resiliency: Considerations and future directions. *Community Mental Health Journal*, 37(6), 489–498. <https://doi.org/10.1023/A:1017574028567>

Zamberlan, M. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 399–404. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200021&script=sci_arttext

Anexos

Anexo 1 – Esquema do Modelo Circumplexo e do tipo de famílias

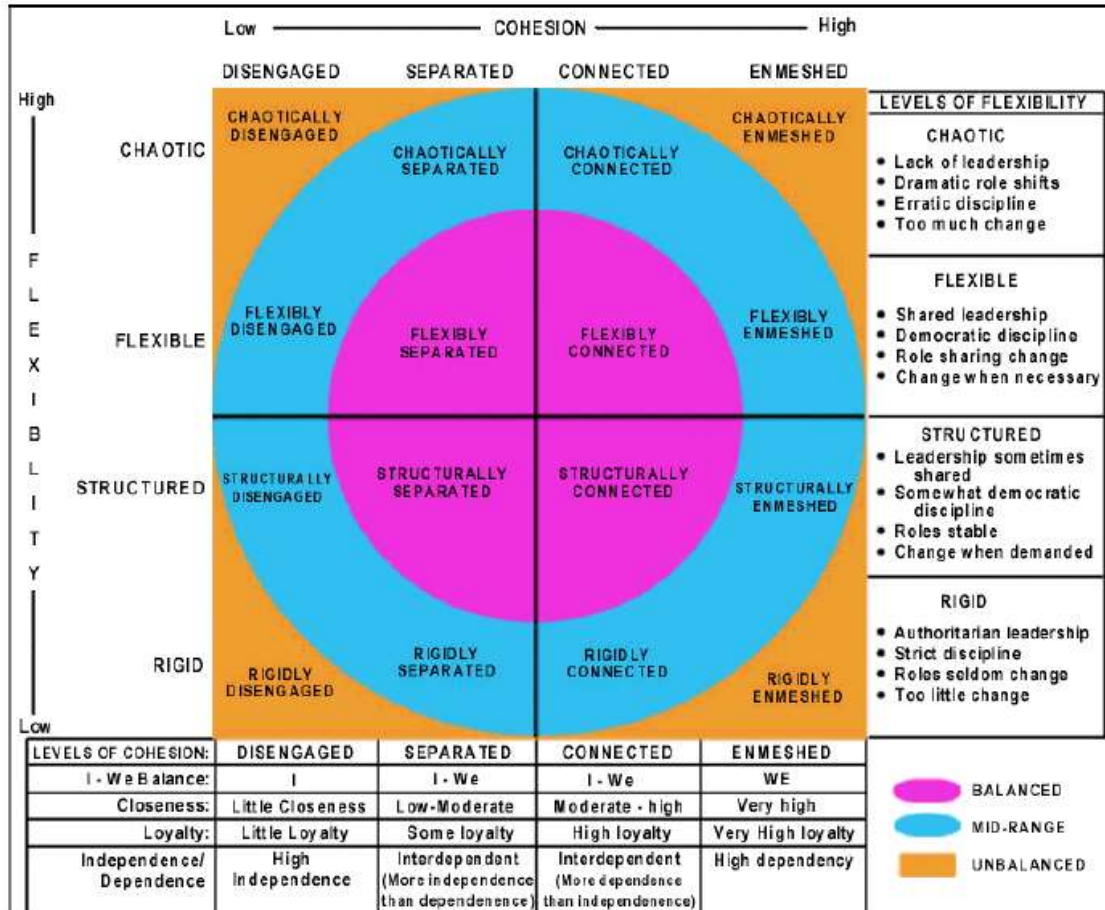


Figure 1: Circumplex Model: Couple & Family Map

(Olson, 2000)

Anexo 2 – Tabela de cotações da FACE IV

FACES IV: Answer Sheet

Subject ID _____ Age: ___ Sex: M: ___ F: ___ Date: _____

1	2	3	4	5
Strongly Disagree	Generally Disagree	Undecided	Generally Agree	Strongly Agree

1. ___ 2. ___ 3. ___ 4. ___ 5. ___ 6. ___
 7. ___ 8. ___ 9. ___ 10. ___ 11. ___ 12. ___
 13. ___ 14. ___ 15. ___ 16. ___ 17. ___ 18. ___
 19. ___ 20. ___ 21. ___ 22. ___ 23. ___ 24. ___
 25. ___ 26. ___ 27. ___ 28. ___ 29. ___ 30. ___
 31. ___ 32. ___ 33. ___ 34. ___ 35. ___ 36. ___
 37. ___ 38. ___ 39. ___ 40. ___ 41. ___ 42. ___
 A. ___ B. ___ C. ___ D. ___ E. ___ F. ___

1	2	3	4	5
Strongly Disagree	Generally Disagree	Undecided	Generally Agree	Strongly Agree

43. ___ 48. ___
 44. ___ 49. ___
 45. ___ 50. ___
 46. ___ 51. ___
 47. ___ 52. ___ SUM ___ = ___%

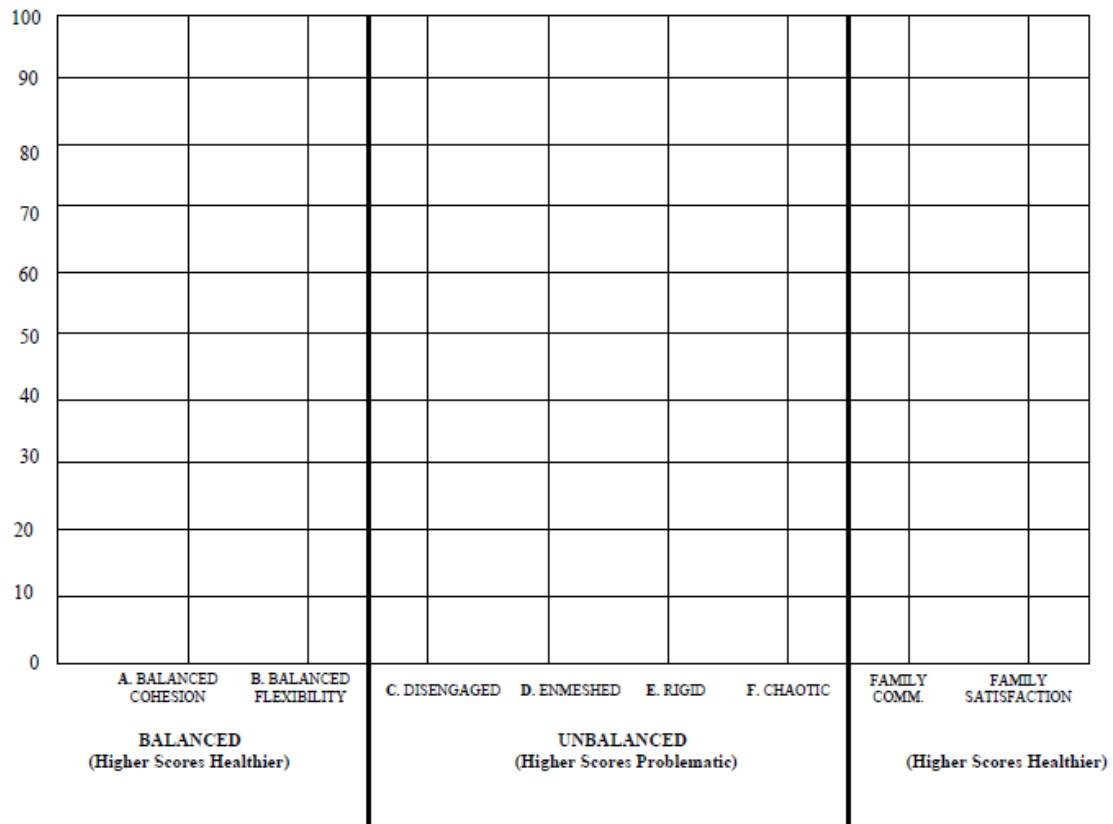
1	2	3	4	5
Very Dissatisfied	Somewhat Dissatisfied	Generally Satisfied	Very Satisfied	Extremely Satisfied

53. ___ 58. ___
 54. ___ 59. ___
 55. ___ 60. ___
 56. ___ 61. ___
 57. ___ 62. ___ SUM ___ = ___%

(Olson, 2000)

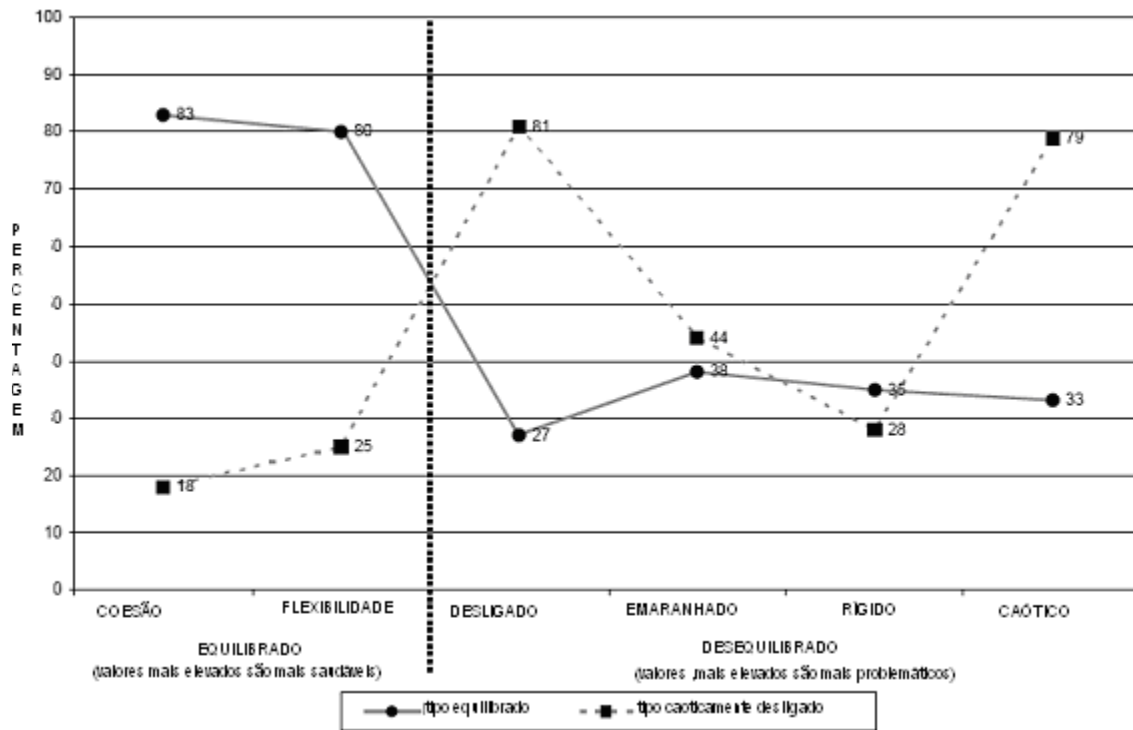
Anexo 4 – Perfil original da FACE IV

FACES IV Profile: Plotting Chart



(Olson, 2010)

**Anexo 5 – Perfil da FACE IV: Equilibradas versus Caoticamente Desligadas
(Exemplo de preenchimento)**



(Rebello, 2008)

Apêndices

Apêndice 1 – Autorização formal para as IPSSs



Declaração

Declara-se, para os devidos efeitos, que a Instituição Particular de Solidariedade Social _____, sediada _____, concelho _____, distrito de _____, autoriza a realização do estudo de investigação intitulado “Funcionamento Familiar e Desenvolvimento da Linguagem em Crianças com Idade Pré-Escolar”, mediante parecer positivo do representante legal de cada criança.

Este estudo será conduzido pela Terapeuta da Fala Ana Carina Santos, sob a orientação da Doutora Daniela Figueiredo e coorientação da Doutora Marisa Lousada, no âmbito do Mestrado em Terapia da Fala da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro.

Nesta fase do estudo, pretende-se recolher os dados através da entrega do Questionário Sociodemográfico e da Versão Portuguesa da FACES IV à família, bem como da avaliação da linguagem das crianças que preencham os critérios definidos com o Teste de Linguagem – Avaliação da Linguagem Pré-escolar.

A Direção

_____, ____ de _____ de 2020

Apêndice 2 – Consentimento Informado para os pais

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: Funcionamento Familiar e Desenvolvimento da Linguagem em Crianças em Idade Pré-Escolar

Investigadores responsáveis: Daniela Figueiredo e Marisa Lousada

Por favor leia e assinale com uma cruz (X) os quadrados seguintes.

1. Eu confirmo que percebi a informação que me foi dada e tive a oportunidade de questionar e de me esclarecer.

2. Eu percebo que a minha participação e a do meu filho/a é voluntária e que somos livres de desistir, em qualquer altura, sem dar qualquer explicação, sem que isso afete qualquer serviço que nos é prestado.

3. Eu compreendo que os dados recolhidos durante a investigação são confidenciais e que só os investigadores do projeto a eles têm acesso. Portanto, dou autorização para que os mesmos tenham acesso a esses dados.

4. Eu compreendo que os resultados do estudo podem ser comunicados em Congressos Científicos, publicados em Revistas Científicas e usados noutras investigações (p.e., dissertações de mestrado ou teses de doutoramento), sem que haja qualquer quebra de confidencialidade. Portanto, dou autorização para a utilização dos dados para esses fins.

5. Eu concordo então em participar no estudo.

6. Eu dou autorização para que o meu filho participe no estudo

Nome do participante

Data

Assinatura

Nome do Investigador

Data

Assinatura
